

WLADIMIR OLIVIER

QUANDO A VIDA ENSINA OU A LUTA PELA PERFEIÇÃO

GRUPO DOS INTENTOS HONESTOS

A revelação, assim, se operou parcialmente, em diversos locais e através de uma porção de intermediários, e é desse modo que prossegue neste momento ainda, pois nem tudo se acha revelado. Cada centro encontra, nos outros centros, o complemento daquilo que obtém, e foi o conjunto, a coordenação de todos os ensinamentos parciais que constituíram a *doutrina espírita*.

Allan Kardec (**A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo**. Cap. I, item 52.)

A luta é necessária ao desenvolvimento do Espírito; é na luta que ele exercita suas faculdades.

Allan Kardec (**Ibidem**. Cap. III, item 23.)

A luta é sempre necessária ao desenvolvimento do Espírito, pois, mesmo chegado ao ponto que nos parece culminante, está longe de ser perfeito; é tão só à custa da sua atividade que ele adquire conhecimentos, experiência e que se desvencilha dos últimos vestígios da animalidade; mas, nesse momento, a luta, de sangrenta e brutal que era, fica puramente intelectual; o homem luta contra as dificuldades e não mais contra os seus semelhantes.

Allan Kardec (**Ibidem**. Cap. III, item 24.)

ÍNDICE

Primeiras palavras	
1. Estorvo	
2. O amanhã	
3. Um criminoso arrependido	
4. Sem luz e sem ar	
5. Amenizando a dor	
6. Declaração de Firmino	
7. Histórias da carochinha	
8. Desafiando o perigo	
9. Pura alegria	
10. Se até Pedro... ..	
11. O sentido da crítica	
12. Simplificando a linguagem	
13. A primeira vitória	
14. O poder da prece	
15. <i>Serial killer</i>	
16. A homenagem de ontem	
17. Com a graça de Deus	
18. Os dias que correm	
19. Um dia após o outro	
20. Férias no etéreo	
21. Cala a boca, Jacaré!	
22. Pipilos e arrulhos	
23. Vontades e desejos	
24. Uma nova maneira de ver a mediunidade	
25. Imersos em luz	
26. A estrela vespertina	

PRIMEIRAS PALAVRAS

Quando a vida ensina ou A Luta pela Perfeição, eis um título duplo que poderá incitar a curiosidade inicial dos leitores acostumados às obras espíritas de caráter romântico, na linha, evidentemente, das narrativas eivadas de lágrimas e ternas felicidades pessoais, que outro não será o objetivo deste *Grupo dos Intentos Honestos*, guiado pela mão segura do Professor Homero, de tantas outras investidas no campo das manifestações mediúnicas desta *Escolinha de Evangelização*.

Eis como, em pouquíssimas palavras, a gente consegue dar o total das informações úteis para o entendimento do que se pretende nestas tardes de contato entre as esferas, nós a ditar, o amigo encarnado a reproduzir as vibrações em forma de pensamentos organizados segundo o padrão linguístico a que está afeito e que corresponde à média dos leitores em língua portuguesa. Abriríamos agora à discussão do nível sociocultural relativo às nossas personagens, mas preferimos que, à medida que sejam apresentadas, vão transpondo a sua personalidade para os diálogos, em forma de ritual psíquico, no duplo aspecto da formulação e da manifestação dos pensamentos, o primeiro relativamente rápido; o segundo a capengar, conforme a composição fictícia de suas aptidões intelectuais e habilidades vocabulares.

Fique, portanto, a noção de que estaremos preocupados em ocupar a mente de quem nos serve com problemas inerentes ao fulcro das personagens, reservando-nos o direito aos comentários implícitos (talvez alguns nem tanto) em correspondência aos preceitos doutrinários do Espiritismo, segundo a visão de Kardec.

As informações buscam também prevenir os críticos zelosos da orientação puramente espiritual, porque está instalando-se entre os que possuem ascendência sobre os órgãos de divulgação da doutrina que os textos são bons ou porque os médiuns são cultos ou porque se deixam assinar por nomes conhecidos de pessoas cuja obra, de uma ou de outra origem, possa sofrer o impacto da comparação. No primeiro caso, trata-se, segundo eles, de nítida façanha anímica, que é impossível que os espíritos de superior quilate se determinem a escovar os pelos desse animal indócil que leva por nome *estilo*. No segundo, há que se ater à temática pelos padrões históricos, como se a vida estuante dos dias que correm não pudesse merecer a atenção dos espíritos de luz.

Claro está que nem precisamos mencionar a extensa obra do Codificador para evidenciar que muitíssimos dos irmãos contatados mediunicamente por ele pertenceram a extrações bem inferiores do mundo espiritual, para que as lições pudessem servir para a contenção dos ímpetos ou dos impulsos deletérios que os fatos desagradáveis sugerem aos caracteres menos reflexivos. Em todo caso, como Kardec advertia para que se lessem os textos do além-túmulo com redobrado cuidado, não vamos deixar o nosso rabo de fora ou os nossos chifres à vista, buscando realizar obra em tudo e por tudo coerente com os ditames da consciência mais desenvolvida, dentro dos parâmetros morais possíveis para quem está a frequentar uma escola onde se ensinam as matérias do bom procedimento, segundo o conceito fundamental de que os erros devem eliminar-se através da substituição deles pelos acertos inerentes ao processo mais sutil da aprendizagem globalizada. Isto mais não significa do que aprender apreendendo, ou seja, que as noções vão sendo assimiladas

conforme o entendimento intelectual, para se constituírem em parte integrante dos hábitos que não estimulam mais as reflexões, devido a terem adquirido o *status* de perfeitos, em função do grau evolutivo dos seres mais evoluídos deste círculo em que todos habitamos.

Agora, desliguem o nosso processo redacional do vínculo que guardava com a disposição dos críticos mencionados e passem a referendar os conhecimentos à vista de suas experiências vividas nas realidades quer do dia a dia dos relacionamentos sociais, quer no vaivém misterioso dos pensamentos, às vezes fugidios, às vezes intempestivos, às vezes obsessivos, que nos assaltam por dentro da carapaça do caráter e nos excitam para o crescimento espiritual.

Uma vez posta a nu esta declaração de suficiência linguística e enunciada a prerrogativa do pensamento independente dentro dos limites da honestidade psíquica de quem requer dos leitores outro tanto de interesse para o aperfeiçoamento de todos os prismas de sua individualidade como ser e criatura de Deus, podemos encerrar esta introdução, desejosos de *curtir* as maravilhosas tardes de psicografia, em doce expectativa de realização suficientemente lúcida para receber dos editores o aval da publicação e dos leitores o agrado pela delicada assunção de suas dúvidas e de suas crenças, ainda que saibamos que, bem melhor do que esta obra, todas as da Codificação estão em condições de exercer tal ministério.

Fiquem, amigos, na paz do Senhor, sob o manto de luz do Cristo, que vela por todos nós, pelo nosso progresso e pela nossa felicidade. Graças a Deus!

1. ESTORVO

Seja o seguinte discurso:

— Arrependei-vos, ó vos que pecastes contra o Senhor, ferindo o vosso irmão!

Pois bem! Que tipo de pessoa diria essas palavras hoje em dia? Um sacerdote irado a oscular a face do diabo, no alto do púlpito, bramindo contra umas velhinhas que não podem mais reagir com a busca de outra diocese?

Seja este outro discurso:

— Arrependam-se todos os que, tendo ouvido a voz do Cristo, ainda assim apedrejaram os irmãos, presumidos pecadores!

Que verdade pode haver numa expressão desse tipo? Pelo menos, sugere que o autor do desplante autoritário esteja um passo adiante no caminho da perfeição. Pelo menos. Então, vai levar o caro leitor desta página a imaginar qual seria o intento do narrador, se nem ele mesmo consegue fixar a principal diretriz da manifestação.

— Caro amigo, não fique triste com este arremedo de obra literária — eis o que diria ao médium que comigo estivesse trabalhando e recebesse o terrível influxo de desequilibrado autor do etéreo.

Eu pensaria comigo mesmo que o tal sujeito poderia fazer sua estrada bifurcar e, para não cair no abismo das obsessoras conjecturas, supor ou que estivesse dando vazão a roteiro formulado pelo seu próprio espírito, sobre o qual não consegue exercer controle consciente; ou que tudo está tão acima de sua compreensão que irá continuar escrevendo, para depois passar por correção geral, aproveitando algo que possa apresentar sentido. Caso nada sobre ou bem pouco, antes de atear fogo à produção que algum trabalho lhe deu, para ter a certeza de que a falha de conceituação ou de valorização não é sua, vai pensar em expor a um ou dois amigos a página insólita...

Assim ia Firmino escrevendo o seu primeiro rascunho da peça literária que lhe foi estimulada pela classe do Professor Homero. Deixara-se levar, simplesmente, pelo empuxo de iniciativa que julgara válida e sobre a qual desenvolvera alguns comentários com os colegas, os quais tiveram excessivo respeito em contrariá-lo, tendo preferido a sugestão de que talvez o neófito autor pudesse comprovar a eles ou a si mesmo que a sua modalidade expositiva não alcançaria natural sequência de ordenação, quando o projeto se realiza não de maneira arbitrária, mas com os objetivos previamente definidos e aprovados pelos mentores.

Neste ponto, esta comissão de redatores deve suspender o narrado para imprimir ao texto o cunho da autenticidade, revelando que todos os tópicos, por mais estranhos possam vir a parecer à primeira vista, cá se transporão sob a responsabilidade de quem conhece toda a extensão dos deveres dos espíritos que portam mensagens psicografadas para o interesse de melhoria espiritual dos encarnados.

Colocamos uma vírgula (não chegam a ser parênteses), para afiançar que, em não havendo nenhum leitor, nem chegando a se concluir a transmissão para o âmbito terreno, ainda assim lucraremos com a elaboração da narrativa, porque exige dos autores profunda meditação, principalmente quanto a dois fatores do sucesso das atividades, em vista dos

fins almeçados, quais sejam: primeiro mantém a disciplina intelectual em ascendência sobre os problemas de caráter emocional, o que gera o segundo aspecto: o equilíbrio das psiques individuais e o jogo da harmonia entre os componentes, para a fixação dos temas em seus desenvolvimentos melhor coordenados.

Demos a Firmino todo o entrecho anterior, inclusive com a descrição de sua façanha redacional. E com ele tivemos uma estranha conversa:

Ele: Eu não penso que vocês hajam cabalmente demonstrado que o meu rascunho não possa vir a ser melhorado consideravelmente.

Nós: Não era essa a nossa intenção. Estávamos crentes de que você perceberia que o seu método iria dar muitas voltas até ser escoimado dos vícios interiorizados, que afloram quando o pensamento não sofre a vigilância ou a censura do bom senso.

Ele: Não estaria aí um meio mais que certo para obstar a criatividade, suprimindo da exposição as contribuições inerentes ao que fica subjacente à consciência?

Nós: Veja que o seu mau hábito se instalou tão profundamente em sua personalidade que você já não consegue concatenar as ideias, em função de nos apresentar argumentos lógicos e plausíveis.

Ele: Não penso assim, mas também não vou dar-lhes um exemplo melhor do que este que realizo neste exato momento, coerentemente com o fato de que meu pensamento, repito, subjacente, não se interpõe quando exerço meu direito ao revide, com o intelecto um pouco afetado por vibrações emotivas desagradáveis, tendo em vista o fato de que estou sendo ralhado (ressalto que com muito respeito e consideração — sem ironia) por algo sobre que os amigos não refletiram suficientemente.

Nós: Pela sua tese, quando a pessoa se encontra envolvida emocionalmente, age com mais clareza intelectual, sendo capaz de responder com mais precisão aos tópicos da pauta. Ora, isso não lhe parece contrariar o princípio geralmente aceito de que a perturbação da vontade, ou melhor, o desarranjo sentimental gera um bulício na mente, que se torna incapaz de direcionar o centro de suas atenções para as virtudes mais enérgicas do cristianismo, quais sejam, a caridade, a fé e a esperança, para que se faça a harmonia que redundará na paz universal?

Ele: Não querendo ser repetitivo nem buscando chifres em cabeça equina, se vocês tiverem a pachorra de dedicar atenção ao seu próprio arrazoado imediatamente anterior, poderão constatar o fato de que, instados pela minha posição contrária e pela defesa dela intransigente que estou realizando, vocês se mantiveram bastante firmes em sua deliberação de me derrubar, utilizando-se de um poder de argumentação quase intransponível. Aliás, visto o seu discurso do ponto de vista da segurança da composição silogística, nada haverá que contra-argumentar, principalmente porque vocês fecharam questão e se posicionaram de modo muitíssimo inflexível. Entretanto, estando eu a cavaleiro e vendo o assunto sob outro prisma, posso imaginar que as suas ideias ganhariam o apoio de outros desenvolvimentos, com certeza a desvelar novos planos de reflexões, se se tivessem dado ao cuidado de prestar atenção aos impulsos (talvez o termo não seja o melhor, mas me deu a gana de utilizá-lo) aos impulsos *inorgânicos* que produzem as faíscas eletromagnéticas de suas constituições cerebrais dentro do seu perispírito.

À vista de tal imbróglio temático, resolvemos enfiar as nossas violas nas sacolas e fomos cantar em outra freguesia, ou seja, demos um tempinho para farejarmos se algum fundamento havia na peroração mais esquisita do nosso Firmino, que não se perdia jamais pelo nome, única e graciosa compensação que nos restou da serenidade com que refutou a nossa aleivosia cultural. Ainda bem que estamos a elaborar *a posteriori* este texto, porque agora já nos sentimos à vontade para estas brincadeiras. A bem da verdade, não foi exatamente assim que ocorreu naquele momento em que se emudeceram as nossas vozes.

2. O AMANHÃ

Parece que estou tremendo de medo e, no entanto, meditei profundamente a respeito de tudo quanto deverei transpor para o mundo dos encarnados. Firmino é o meu nome e vocês já me conheceram. Eu, porém, não fiquei contente com a demonstração que deram de minha personalidade, pondo-me, de certo modo, como uma pessoa arrogante, a *balangar* a carteirinha de estudante em dia com as mensalidades perante o olhar estarecido dos pobres leitores, que nem sabem bem o porquê de estarem a percorrer estas linhas, talvez com o intuito de se aprimorarem nos conhecimentos da doutrina, pensando no dia de amanhã.

Mas o meu texto inicial foi dado como simples rascunho, primeiro impulso redacional para cumprimento da tarefa escolar, apesar de representar alguns furos acima, além das humanas conquistas no campo da moralidade superior.

É que os desafios do etéreo soem ser mais amenos quando os seres ultrapassaram os limites dos furores e dos desequilíbrios de quem não aprendeu ainda a perdoar. Não fora assim e não poderia apresentar-me como modelo de procedimento intelectual, inclusive porque, nas entrelinhas, não haveria como ocultar os defeitos. Então, fique esta manifestação como o alvo a atingir-se após o perlustrar da humana lide sobre a face da Terra.

E qual preocupação pode apresentar alguém que venceu tantas provações e que tão escorreitamente manipula as rédeas do vernáculo, para conduzir a sua parrelha (Fé e Esperança) até a linha divisória da bem-aventurança, para arrear o outro corcel fogoso e indômito que, sem que seja preciso governar, nos carrega em rápida carreira, até a próxima estação existencial? Trata-se da Caridade, como devem ter desconfiado.

Aí ressalta aos olhos atentos dos amigos que sob o Sol nenhuma novidade existe, desde que a consciência se veja amparada pela formulação filosófico-religiosa do cristianismo mais puro, aquele que Kardec buscou restaurar em sua maravilhosa obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

E o amanhã não existirá sem um hoje pleno de trabalhos vitoriosos no quadrante da humanidade tomada como...

Deixo de completar o pensamento acima para propor como exercício que o façam os meus irmãos propensos a configurar a inutilidade dos desenvolvimentos desta natureza para quem adquiriu firmeza nos preceitos espíritas mais valiosos para o entendimento das leis universais, as chamadas leis naturais ou divinas.

Para quem se deixou impressionar pela rara, pela preciosa composição do texto do grupo que me utilizou para a sua reflexão, instando até o final na demonstração de que alguma ideia nova estaria subjacente aos argumentos que empreguei, evidenciando, além do mais, que eram eles que estavam um passo atrás no conhecimento de como se realizam os avanços estratégicos na área do domínio do cabedal psíquico e espiritual que cada um de nós possui e precisa desenvolver, ou jamais irá compreender a necessidade do saber como catapulta para transpor as muralhas da ignorância, que nos escondem a vista da perfeição, preciso demonstrar que, além de termos um extenso arquivo de recordações de

vida e de reflexões, que além de resguardarmos um setor íntimo de frustrações, de inibições e de complexos de culpa não totalmente decifrados, talvez porque não estejamos sendo testados especificamente no que concerne a eles, também mantemos, no recesso de nossa constituição espiritual mais profunda, um cabedal de influxos intuitivos que só a depuração globalizada da personalidade será capaz de pôr a funcionar em proveito de nossa atuação como seres criados para amar a Deus sobre todas as coisas.

Eis que enfrento a imensa dificuldade de realizar a façanha de demonstrar que todos os leitores (como o são também os meus colegas de turma) estão um passo atrás, porque ainda não foram capazes de descobrir como se faz para aplicar esse terceiro substrato da vontade ou do caráter ou da mente ou do perispírito, esse fulcro espiritual em que parece residir a chama perenal do que temos de divino em nós, o sopro existencial que nos tornou criaturas perfectíveis, o que cessará justamente quando tivermos total competência em termos de conhecer e de usar esse recurso superior.

A afirmação relativa ao *passo atrás* fundamenta-se no fato de que, por mais excelsa seja a missão de cada qual em sua atual peregrinação terrena, sempre se haverá de reconhecer que os espíritos de luz, mencionados à exaustão nas obras espíritas desde Kardec, devem pairar em esferas superiores, cujo ingresso apenas se dará quando se estiver bem mais próximo da perfeição, de acordo com os preceitos de Jesus analisados nos textos da codificação.

E quanto a este autor estar um *passo adiante*, ele o admite apenas no sentido mais amplo de que vem dedicando-se a entender aqueles pontos doutrinários pelo avesso desta existência espiritual, o que não o faz ficar muito além desta mesma manifestação, que muitos teriam elaborado com mais facilidade, maior beleza e fidedignidade, quem sabe exemplificando de modo a tornar tudo mais compreensível e mais interessante.

Não seja o presente o estorvo do amanhã, como tão ingenuamente posso eu mesmo estar acreditando à vista de ter alcançado a anuência dos mentores da *Escolinha de Evangelização* para este vibrante espicaçar da atividade reflexiva dos leitores em vias de assumir atitude ainda mais responsável perante os homens e perante Deus.

Quis dedicar-me a explicações complementares às sugestões da primeira comunicação. Acredito que os colegas poderão, a partir de pontos de vista menos teóricos, desenvolver outros tópicos correlacionados a estes, de forma a dar à obra cunho mais didático e de maior interesse para os encarnados. No entanto, se me deixar envolver pelas fugidias intuições, justamente aquelas que brotam do fundo de meu ser, terei forçosamente de imaginar que tudo quanto deixei escrito não tem como não ser apenas mais uma página confusa, no mesmo teor daquela que mereceu a análise do grupo que me arguiu. Ainda bem.

3. UM CRIMINOSO ARREPENDIDO

Então, o homem foi preso. E, na prisão, conheceu as agruras da consciência. Não que não tivesse passado antes por fases de profundo rancor contra tudo e contra todos. Mas estava constrangido a conviver com gente da pior espécie, naquele esfrega-esfrega físico da superpopulação carcerária. E precisava defender-se de todo tipo de assédio. Mas tinha a sua fama sanguinolenta e, sem desafiá-lo, não teve muito que fazer para infiltrar-se em uma quadrilha que exigia muito, mas nada que não pudesse oferecer.

Em todo caso, a condenação previa mais de vinte anos de cárcere e as notícias que lhe chegavam de fora vinham com o claro-escuro das misérias e das raízes das pequeníssimas felicidades, que os filhos haveriam de crescer em harmonia com os ditames de uma crença religiosa que ele não tinha.

Foi assim que lhe caiu às mãos *O Livro dos Espíritos*, porque se atrevera a dizer que fora alfabetizado na cadeia. O sujeito chama-se Onofre e o que lhe forneceu a obra, Mário.

Apenas soletrava, de modo que era muito penosa a decifração de cada página. Mas havia o Mário, que o visitava a cada quinze dias e que lhe cobrava as lições em troca dos relatos, sempre ilustrados com fotos dos filhos e de outros membros da família.

Onofre tinha uma longa lista de crimes e maior seria se o aparato policial estivesse adequadamente preparado para o registro de todas as ocorrências. Quando despachou um honorável membro da sociedade, indivíduo eleito para a vereança no interior em vilegiatura pela capital, foi perseguido e preso. Torturado e alcaguetado, pôs os investigadores de alerta e logo se viu que o suspeito era ainda pior do que se imaginava.

Deu no que sabemos.

Mas os filhos cresciam e as fotos iam ficando cada vez mais distantes dos quadros que a memória conseguia pintar. Até certa idade, compareciam para as visitas. Depois, nem isso, de modo que, quando estava terminando a leitura do livro pela segunda vez, de forma bem mais corrente e proveitosa, principalmente pela competente assiduidade do Mário, já se despedia dos amigos carcereiros, alguns comprados com o sacrifício dos depósitos clandestinos do material furtado, para ir a outro tipo de reclusão, espécie de regalia diurna para quem demonstrava estar em dia com os padrões de comportamento considerados pela humana justiça para devolver o sentenciado ao convívio social.

Arrumada uma atividade remunerada, escapava no horário do almoço para visitar os filhos, que a esposa fazia muito tempo desaparecera.

Uma noite, convenceu um dos policiais de plantão a acompanhá-lo a um centro espírita e, pela primeira vez, esteve com uma multidão de crentes da existência da vida após a morte e doutras tantas ideias de que se impregnara através da leitura.

Em suma, matuta que matuta, chegou à conclusão de que ouvira uma voz misteriosa provinda do fundo da alma que lhe dizia o que fazer na hora dos crimes. Hesitava em atribuir o fato a espíritos obsessores, conforme Mário insistia em lhe declarar. Acabou achando que era a viva voz de sua própria ignorância, formulada e fundamentada em vidas pregressas de muitos crimes e de profundos horrores, a abafar, inclusive, a tímida

infiltração dos mentores espirituais interessados em lhe passar a necessidade de se arrepender.

Hoje, muitos anos após haver desencarnado, luta consigo mesmo no Umbral, desejoso de desvendar os segredos de tanta maldade, atribuindo tudo ao mistério de sua constituição espiritual. Sofre hipocondriacamente de certos males psíquicos mas, em vislumbres de sanidade, chega a perceber que está em fase de melhoria.

Quando pode, vai visitar o amigo Mário no centro espírita em que este atua como doutrinador nas sessões de desobsessão, travando com ele alguns *papos* muito gostosos a respeito da responsabilidade das criaturas, tendo em vista o amor de Deus.

Ao receber de volta um dos filhos, vítima das drogas, rogou pela primeira vez o auxílio direto do Senhor, que não se sentia com forças para atenuar o desespero do outro.

Depois disso, tem refletido bastante a respeito de como tudo se apresenta tão insano quando se atribui ao egoísmo a condição de administrar a personalidade. Mas não se lastima senão por um fato que considera importantíssimo: o de que conta nos dedos de uma única mão as almas que poderia considerar no limiar da felicidade de sair da escuridão para a luz. Aliás, apenas tinha ciência da luz no mundo espiritual porque efetuava analogia com aquela que desfrutava estando vivo.

Isso lhe deu a ideia de requisitar um retorno à carne de muito sacrifício físico, qual seja, o de que deveria nascer cego. Mas como sabe que essas coisas não pode decidir sozinho, porque implica necessariamente em que outros seres estejam precisando de algum tipo de lição no campo cármico, pôs a inspiração no molho das conjecturas, no aguardo de que se deixe embrenhar pelo tempero da coragem.

Outros episódios nós poderíamos ter acrescentado a esta simples narrativa. Nada, porém, que pudesse constituir-se em notável exemplificação para a tese de Firmino, conforme exposição anterior. Se não conseguirmos aproximar o tópico extraído da realidade aos dados metafísicos do amigo redator, fique o exercício para as mentes atiladas dos leitores, que saberão dar um sábio destino a estes desenvolvimentos.

Mas que Onofre se arrependeu, isso consta nos anais de nossa *Escolinha de Evangelização*.

Um dia ou outro, Mário aparecerá por estas bandas para completar a tarefa em que se empenhou na esfera material, trazendo para a colônia espiritual aquela entidade carente de conhecimentos, mas cujos sentimentos estão recebendo algum influxo arquitetônico, no sentido da percepção de que existe um passo premente a ser dado: o do alívio das forças deletérias emanadas dos seres por ele prejudicados e que necessitam também de receber ao menos a ideia da luz, como forma de saberem que algo existe realmente superior e que lhes está escapando de seu campo de visão. Aliás, durante alguns anos, perdemos contato com Onofre. Depois ficamos sabendo que vagava à deriva na escuridão, prenhe de fortes dores no baixo ventre, local em que atingira o tal vereador. Coisas da divina justiça difíceis de meter na mente obnubilada das criaturas que se deixam levar pelos instintos primitivos.

Firmino nos acompanhou o desenvolvimento sem participar. Agora no fim, pediu para que observássemos o fato de que o crime de Onofre talvez mereça de Deus certa...

Cortamos a sua frase para estímulo aos leitores a respeito de qual teria sido a contribuição dele dentro dos parâmetros da doutrina espírita, relativamente aos criminosos ignorantes e arrependidos.

Quem irá tirar de letra a pendência que não chegou a estabelecer-se?

Por favor, não menosprezem as lições de casa, nem que lhes exijam um sacrifício maior para a pesquisa bibliográfica. É assim que se aprende a parte teórica.

4. SEM LUZ E SEM AR

Então o pobre infeliz do Rogério se instalou em seu castelo obscuro e passou a comandar mais de mil e quinhentos empregados. Eram mil e quinhentas responsabilidades. E tudo findou de uma vez, na negra peste medieval.

Quisera eu poder recriar aquele ambiente de requinte e de fartura que se seguiu, na atmosfera sórdida dos sobreviventes. Mas a dor e o sofrimento não me permitiriam renascer para a cultura das descobertas e dos relatos das viagens maravilhosas.

E a religião a me sufocar os ardores da liberdade, iluminado pelo arrepio suspeito de que as coisas iriam terminar tão logo se desse o derradeiro suspiro. E eu lia muito e me ilustrava com os conhecimentos maliciosos dos que governavam os governantes.

E logo os meus sentimentos se puseram à flor da minha pele e vi no cântico em louvor à mulher a saída para as perspectivas do prazer que mal roçava as franjas de minhas sensações primitivas.

Depois o mergulho no imponderável do ser, misteriosa convivência com a matéria em transparências de cristal, realidades prismáticas e diluídas em apuros de metafísica, espíritos-glóbulos a inocular em mim a felicidade da compreensão e a infelicidade do impossível.

Satisfiz-me em inventar uns arcahouços fantasmagóricos de importância duvidosa, rejeitando o domínio sobre o inconsciente da figuração melancólica do enredo concreto do absurdo.

Pediram-me um resumo que pudesse ser a um tempo lúcido e belo, mas a minha condição de inferioridade latente conseguiu apenas pálidas ideias dos valores históricos que poderiam configurar algo que se refletisse sobre personalidade eivada de problemas muito sérios.

Estando no Umbral, ou melhor, na profundidade da região trevosa, imaginando-me um ser sem superfície, oco por fora, se me posso valer da esquisitice de inócua e sem graça figura, logo supus que não me era lícito julgar que me faltasse a luz ou o ar, bens que sabia de propriedade de cada pessoa vivente no planeta Terra. Mas não conseguia prender a respiração por um instante sequer, loucura de situação incongruente e irreversível para quem se atinha ao problema em si, sem buscar a causa nas atividades de outrora. E crescia ao imponderável insustentável sofreguidão, esticando a vista ao redor, como a saber que alguma luz poderia preencher o vácuo de minha opacidade perceptiva.

Eram milhares de palavras que se acumulavam sem sentido, a me instigarem ao luxo da mentalidade perigosamente cultivada nos escaninhos das ideias, como surpreendentes, inesperadas, inteligentes e, finalmente, reveladoras de verdade desconhecida, quando, acreditem, tudo se repetia na linha das vertentes da memória, configurando os textos que aprendera de cor e até mesmo os que lera desatento, enfasiado, entediado, imerso na fumaça odiosa do desvario.

Sei que neste diapasão iria permanecer a jogar frases sobre frases sem jamais terminar a demonstração de qualquer tese, que tese não pode existir sem hipótese e todas

foram exaustivamente exploradas dentro da história da humanidade, ainda pelo aumento muito significativo que das camadas mais elevadas do reino espiritual descaí em contínuas manifestações de amor.

Chove sobre a minha constituição energética e chovem vibrações de ânimo que me comovem e me induzem a prosseguir neste emaranhado sutil de sentimentos subjacentes, cujo desvendar poderia ferir o cunho de identificação mínima que cada mensagem no etéreo deve resguardar, para envolvimento subliminar dos leitores encarnados.

Deixo de apresentar as longas listas sem sentido, sem verbos e sem liames convencionais do humano linguajar, algo até muito parecido aos dicionários e enciclopédias, onde cada termo vale por si mesmo e pelo que possa representar ao interesse alheio, sem a arquitetura de uma personalidade a delinear o arcabouço sobre que aplicar a substância das realizações.

Trago palavra de alento? Misturo os temas de propósito? Falo diretamente através do substrato espiritual que não se revela coerente mas que subsiste, mesmo assim, na conjuntura de construção linear? Tento deslindar o enigmático problema levantado pelo irmão Firmino, permitindo momento de intuitiva compreensão dos dados que emergem do inconsciente?

Quem sabe esteja ainda tonto pelos anos a fio de atropelo naqueles antros fétidos, em que curtia todas as culpas e todos os remorsos. E me perguntava se algum dos que vi desferindo tópicos e mais tópicos de sabedoria em todas as áreas do humano conhecimento não estiveram um dia passeando pelas escarpas, caindo nos despenhadeiros da ignorância, até alcançarem ludibriar a própria vontade armada de egoísmo, de orgulho e de vaidade, através do poder da decisão pelo sacrifício dos prazeres fáceis do regresso sem compromisso e sem objetivo conhecido.

Um dia, atrevi-me a espiar o clima nevoento que se erguia de grande conglomerado de seres encarnados e me estarreci pelo entrosamento das vibrações que sufocavam as aspirações generosas, não no sentido de serem capazes de impedir o livre desenvolvimento dos seres em ascensão, mas porque trancafiavam em seu envoltório de forte entrelaçamento (socioeconômico) todas as arremetidas dos que não haviam tido algum esclarecimento doutrinário ou evangélico sem as peias do interesse pessoal.

E vi, olhando para fora desse círculo constritivo, que entidades existem sonhando em tornar o planeta mais seguro para a harmonia de crescimento honesto e irrefragável. Mas as ondas de meu estupor me impediram de vislumbrar as conquistas que se alcançavam, deixando-me mal entrever a luta sustentada contra os vícios e os erros.

Não sei se me soube valer desta hora perante os parceiros de grupo, que não me cercearam a liberdade de explorar o quanto possível a mágoa mais íntima, fruto da consciência das limitações que me são impostas por inúmeros fatores psíquicos aleatórios porque não dominados intelectualmente. Não sei se vale a tese de que o desenvolvimento se deva dar a partir da centelha que emite sua irradiação de perenidade e de glória, porque, ao se espriar pelo campo externo ao redor, chega deformada pelas falhas históricas que não se anulam, que não se aniquilam, sem a competente reação dos setores que se integram e não mais como conceitos que se superpõem.

Fique o alerta, finalmente, de que isto não passou de teste, talvez com sua utilidade para espíritos mais curiosos quanto à investigação de sua própria capacidade de introjeção

e de deslumbramento por se ver de modo bastante diferente do que se reflete no espelho dos hábitos e dos padrões de procedimento estabelecidos para o contato social e para o contato de si mesmo, nesta ânsia das descobertas que se encontra muitas vezes dissimuladas por inúmeras fórmulas de satisfação periférica, pelo medo do intercurso de objetos secundários na linha dos raciocínios, pois se querem apenas os essenciais.

Parabéns ao médium que se manteve a louvável distância do resultado insólito da manifestação. E parabéns aos leitores que se propuseram a chegar ao fim de forma a afirmar que tudo o que leram foi entendido, assimilado e colocado à disposição para futuras aplicações, na consideração de que tudo pode ter sua pragmaticidade segundo o oportuno e o necessário.

Graças a Deus, consegui restabelecer a conduta coerente com o nível de realização do grupo a que pertença. Mas essa não foi preocupação que interferisse no desenvolvimento do texto, segundo o ponto de vista metodológico que se propugnou.

Agora tenho vontade de agradecer ao Senhor por estes momentos que me farão refletir bastante, quando do exame de cada um dos termos, como se fossem peças de quebra-cabeça que resultará na composição de uma existência, cuja importância não deve residir apenas nisso, senão que deve ser evidenciada bem superior, pela contextura a se evidenciar de que existem planos para melhorar o ar e a luz que me envolvem.

Muito obrigado, Pai, pela perspectiva da bem-aventurança em seu reino de amor!

Felipe.

Quem resolverá a duplicidade de nomes: Rogério e Felipe?

5. AMENIZANDO A DOR

O entrevero enfrentado em relação ao texto anterior deve ter fomentado em muitos o desejo de abandonar o livro e de lamentar a quantia gasta. Outros devem suspeitar de que tal presente seja como aquele cavalo que os gregos deram aos troianos. De qualquer modo, se este desenvolvimento não servir para atenuar as impressões terríveis de que os mortos passam por transe de imenso sofrimento, ao menos poderá demonstrar que existem momentos de certa frouxidão intelectual, propícios para o bom humor e a diversão.

Desde sempre, a teoria espírita tem evidenciado o estreito vínculo entre o mundo terreno e o contíguo no plano espiritual. Os hábitos dos humanos se estabelecem no perispírito, de sorte a fixar procedimentos padronizados. Sendo assim, uma pessoa reflexiva haverá de possuir personalidade espiritual da mesma estirpe. Um sujeito alegre e expansivo encontrará ambiente no etéreo em que prosseguirá animando as reuniões das entidades que se congregam segundo um mesmo diapásão vibratório.

Não é verdade que tudo isto se torna óbvio para quem possui as leituras essenciais? Então, pode-se concluir que as pessoas inventivas, as criativas, as ensimesmadas, as pessimistas e de todo tipo, façam perdurar suas características por algum tempo depois do trespasse, até que se encontrem em condições de amearhar novos conhecimentos em áreas as mais diversificadas, sempre de acordo com o pendor predominante de sua psique.

Ora, demos oportunidade a que Firmino expusesse opinião toda sua, opinião que ele mesmo fez questão de tornar mais profunda, por enunciado que, no seu modo de ver, foi o mais prático de que é capaz. Deixou a nosso encargo deslindar alguns mistérios por meio de linguajar mais adequado à média de entendimento, inclusive sugerindo que nós expuséssemos os conceitos mediante exemplificação simples e ao alcance das vivências de todos os leitores.

Nós, os do lado oposto — mui provisoriamente —, não nos julgamos inteiramente à vontade para tornar a tese de Firmino um conhecimento fundamental para quantos encarnados estejam interessados em conhecer como é que desempenhariam suas funções vitais, se o fizessem diretamente através dos bens eternos que o Criador depositou em suas almas, no ato em que a nova existência ganhava a contextura da individualidade.

Nós achamos impossível que essa flama divina se manifeste antes de se depurarem de todos os incrementos maléficos ou viciosos que se juntaram em cada criatura. E não são apenas invólucros materiais que sufocam a exteriorização das qualidades imanentes; são todos os defeitos morais, intelectuais, sentimentais e de toda natureza, segundo as mais diferentes visões das criaturas.

Como é que um mastodonte (para citar um animal extinto e, portanto, impossível de confrontação com a realidade) faria para enunciar a sua parte divina, eterna, imutável, soberanamente justa e boa, ou seja, com todos os atributos que soem ser reconhecidos no conceito espírita de Deus? Ele chegaria ao ponto de implodir a sua carapaça material e de desfazer todo o arcabouço intelectual, dando vazão às íntimas vibrações que se depositaram em sua alma...

Eis que um novo conceito vem situar-se entre a nossa explicação e a tese de Firmino, qual seja, o da necessidade de resolver primeiro o que se constitui em característica periférica, subsidiária ou secundária, de cada ser, para configurar sua essência, nos limites, é claro, de uma presença que se possa considerar como algo, conforme os espíritos disseram a Kardec relativamente à definição da própria expressão *espírito*.

Se são os espíritos que evoluem e que vão habitar paragens cada vez mais quintessenciadas, é lógico concluir que não se *divinizaram*, porque, nesse caso, necessariamente, se reintegrariam ao Criador, num ato de vontade conjunta e unívoca ao mesmo tempo, o que somos capazes de conceber intelectivamente, mas absolutamente não estamos em condições de compreender segundo a própria natureza do evento, porque, em nosso nível de existência, a imaginação é fértil a ponto de fornecer subsídios para a criação de situações conjugadas entre si, à maneira dos silogismos edificados com base na realidade. Entretanto, o conhecimento empírico, pela própria concepção totalmente desenvolvida no âmbito da mente, ainda que muitíssimo auxiliada por ondas que se podem suspeitar geradas no campo a que deu ênfase Firmino, ou seja, oriunda, pela formação, do âmago divino de cada criatura, não poderá dar-se, pela própria inferência do raciocínio em si mesmo, que só adquire veracidade, caso, como o mastodonte, arrebente os invólucros todos, materiais, semimateriais, fluídicos, eterizados, magnéticos, elétricos ou plásmicos, de todos os conhecimentos acumulados no campo filosófico e científico e até mesmo religioso, naquilo que a religião concede ao fiel como digno de ser aceito pelo Pai.

Dizendo com maior clareza: Firmino pode até ter completa razão no que diz. É-lhe, porém, impossível provar, porque esse exercício redundaria em apreciações de caráter superior à parca capacidade de quem se limita a entender a obra de edificação do espírito como realização concernente aos ganhos das virtudes, pela aplicação à existência dos tópicos da moral superior. Melhor dizendo: quem está em débito para com os ensinamentos de Jesus e desconhece até quais são os parâmetros existenciais do círculo um pontinho mais evoluído — nada a estranhar —, não haverá de reunir condições de compreensão de como se pode, de uma vez por todas, apresentar-se perante o Criador, oferecendo-se para adentrar seu reino de glória.

Mas o amigo se rebela e se diz em condições de enfrentar o juízo de Deus. Bom para ele, que tem pleno domínio de si e de todos os atos futuros, como se a perfeição fosse o apanágio de sua espiritualidade. Deus o cubra de graças, bom amigo, mas não se vá antes de mentalizar as qualidades humanas da perfeição, para que todos possamos usufruir, por mínima que seja a nossa capacidade de absorção, sua luz e seu ar.

E não se pense que estejamos gracejando. Não estamos mesmo, porque, diariamente, deixam estas plagas espíritos que se alçam para esferas superiores, impregnados sempre de muita paz, jamais deixando um rastro que não seja de grandes feitos em favor de toda a humanidade, ou melhor, lembrando-nos dos mastodontes, de toda a criação. Nós é que ficamos a catar algumas migalhinhas de suas ideias, de suas emoções, de suas realizações. No mais, se nos bastassem as palavras, iríamos encerrar o tópico da mesma forma que o Firmino encerrou o seu, deixando no ar que, se, no princípio, era o verbo, no final, outra não poderá ser a realidade.

Eis como amenizamos a dor. Acontece que, no setor das mensagens que consagram as nossas preocupações, ficarmos a contar historinhas de irmãos sofredores que estão às voltas com a perda dos pais, dos filhos, do esposo, dos irmãos, dos netos e de tantas outras afeições, não passaria de mais uma irradiação de amor e confraternização absolutamente inócua para o aprendizado das verdades eternas. Ou Firmino terá algo a acrescentar?

6. DECLARAÇÃO DE FIRMINO

Naturalmente, sendo citado, me obrigam a comparecer para novas apreciações, em função de alguns elementos que não se ajustam direito à minha maneira de ver os fatos.

Não vou insistir no tema do *verbo divino*, porque seria por demais pretensioso estender-me a respeito de algo que me parece muito sutil e de difícil assimilação. No entanto, louvo o pensamento segundo o qual o término da existência, tal como a conhecemos ou concebemos, se dê em harmonia com o princípio, pois me parece lógico que, se Deus criou pelo verbo, haverá de “descriar” também pelo verbo. Vejam bem que não estou asseverando que haverá essa fase existencial, porque a vontade que se faz e sempre se fará será a de Deus, independentemente de nossa possibilidade de concepção indicar-nos que seja *lógico* que o Criador reverta o processo para reabsorver em seu seio ou em seu reino a todas as individualidades.

Penso que este tópico vá encontrar resistência no âmbito do movimento espírita, porque Kardec interrogou seus protetores a respeito e estes lhe afiançaram que não haveria dissolução dos seres no âmbito do *Incriado*, ou seja, aquela suprema inteligência que deu origem a todas as coisas, a todos os universos, se assim posso expressar-me. Mas como não quero promover nenhuma desordem doutrinária, ainda que tenha por princípio de minha atuação psíquica o livre-arbítrio garantido por lei natural, não possuo o direito de expor dúvidas ou elaborações metafísicas próprias, que tudo quanto deve ser dado aos companheiros espíritas ouvir tem de ser, forçosamente, aprovado pelos espíritos de luz, prepostos do Cristo, nosso Senhor e nosso Irmão Maior.

Isto posto, tendo refletido a respeito do sentido didático destas mensagens e prevenido os dignos leitores quanto à limitação das ponderações aqui assinaladas, posso, sem medo de ofender a ninguém, propugnar que, se Deus assim considerar justo, não haverá criatura alguma que possa opor-se, ainda que muitas nós consideremos mensageiras do Senhor, intérpretes superiores de suas leis e guardiães da existência.

Tanta gente fala em nome de Deus que me parece insano vir afirmar algo tão pueril como a afirmação de que ele é quem deve arguir a verdade relativa às suas criaturas, pois todo o mundo se acostumou a considerar-se meio dono da verdade, dizendo que o Pai *quer* ou *não quer* isto mais aquilo.

Falo em meu nome pessoal e não desejo envolver a minha turma, muito menos meus instrutores e mentores. Sei que deveria calar-me para não propiciar a ninguém ocasião de desavença, mas, se não provocar certas reações de caráter intelectual pelo medo dos arremessos meramente emocionais, estarei em falta com a minha consciência.

Eis minha posição perante os postulados das entidades que gostariam de poder assumir a responsabilidade de suas expressões, mesmo para o confronto com as opiniões dos pares e para o ralho dos professores. Ainda que menos, aqui nós também agimos segundo o princípio de erro e acerto, intimamente relacionado ao de castigo e recompensa, muito mais pelos efeitos psíquicos dessas reações do que propriamente pela inferência de que, se agirmos de modo falho, iremos decair da consideração alheia.

Peço perdão aos leitores se, toda vez que me apresento, o texto dá mostras de não se construir necessariamente pelos padrões habituais dos humanos em matéria de

redação. Entretanto, não me preocupa, como deve ter ficado assaz evidenciado, que o resultado não se pautasse pelas obras-primas dos seres superiores. Estivesse eu num patamar evolutivo mais adiantado e minha manifestação se daria em outro sentido que não o de objetivar as discussões, os atropelos “canônicos” de meus egrégios críticos, que muitos haverão de arvorar a bandeira da pureza doutrinária, sem a possibilidade de se idealizarem alguns pontos para além da humana compreensão.

Resguardo meu direito à liberdade de consciência e me ponho à vontade para dizer-lhes que aceitarei todas as observações provindas de corações depurados no sofrimento, pela inerente consequência de postura equilibrada, saudável e harmoniosa com os ditames da moral evangélica.

Quanto aos temas tratados pelo pessoalzinho da mensagem anterior, creio que muito pouco teria a acrescentar como contribuição. Louvo-lhes o sentido primeiro de seu procedimento que, antes de colocar no *gelo* os meus pensamentos e intuições, elegeu o caminho da comprovação dos raciocínios no campo fenomênico, tanto que buscaram exemplificar através da figura do *mastodonte*.

Na verdade, sem ar e sem luz não haveremos de ficar, se considerarmos que não nos constituímos apenas de memória, o que daria como resumo existencial personalidade tão somente realizada em palavras, quando o que vale mesmo são as ações. É que, elegendo este tipo de manifestação, não poderemos jamais fugir às construções puramente teóricas. Se tivéssemos ensejo de manipular a matéria, talvez construíssemos algo tangível, mais próximo da realidade corpórea que dá a constituição espacial e temporal aos seres encarnados, mas aí estaríamos correndo o risco de efetuar algo muito mais físico e, portanto, a facultar maiores dúvidas quanto à origem espiritual dos eventos.

Nada é muito fácil no campo da mediunidade efetivamente voltada para a explicitação dos problemas próprios dos espíritos, aqueles com que se defrontam no dia a dia das conquistas que representam os ganhos de que necessitam para sua ascensão à esfera seguinte.

Aliás, aproveito o ensejo para assinalar que a ideia muito comum entre os espíritas de *círculos*, de *esferas*, de *planos*, de *mundos superiores* e *inferiores*, está ainda muito presa à configuração materializada da mente envolta pela fenomenologia empírica. Na verdade, a ascensão espiritual, a graduação dentro da escala espírita, o processo de evolução não surpreende campos imediatos, como no caso do nascimento ou da morte, que significa ingresso ou decesso de específica condição existencial caracterizada por uma duplicidade, porque fecunda a ideia de existirem dois entes integrados, um material, outro espiritual. No campo etéreo, a passagem para outro registro vibratório mais quintessenciado não guarda correlação com isso, porque os irmãos que reúnem condições de serem agasalhados por entidades mais perfeitas simplesmente vão desvestindo os invólucros mais grosseiros, como uma névoa que se desfaz por influência do calor do Sol.

Porque esta realidade só tem valor para os encarnados como informação e, talvez, como advertência ou prevenção, restrinjo-me a anotá-la.

Se já observei algum amigo passar, literalmente, desta para melhor? Sim, e o faço o tempo todo, porque, entre nós, estacionar não é mérito e todos estamos sempre nos alijando deste ou daquele peso que faz que nos arrastemos mais perto do solo — figuradamente, é claro! Mas essa transformação não é tão visível que se possa caracterizar

a cada instante. Existe, porém, quem consiga manter-nos a ilusão de apresentação exterior imutável e que, de repente, nos avisa que está *lamentando alegremente* deixar-nos para trás, que podemos *contar sempre com ele* e que, de onde estiver, sempre *estará auxiliando-nos* com sua atenção de nível mais elevado.

Não é assim que os leitores gostariam de ver em pleno vigor a compleição espiritual dos entes queridos em fase de franco progresso? Por que, então, nos limitar o horizonte, quando podemos suspeitar de que Deus está sempre a estender-nos a mão, ao fazermos menção de praticar o bem, por amor a ele, à humanidade e às demais criaturas?

7. HISTÓRIAS DA CAROCHINHA

Não se iludam pelo título, boníssimos leitores, porque já declaramos que não nos interessa o eminentemente episódico do sentimentalismo humano. Sendo assim, será justo esperar que tenhamos delíquios de fundo intelectual para nos atrevermos a provocações sem limites?

José não gostava de Maria, mas amava Joaquim etc. A vertente dos amores que não se correspondem é o que existe de mais comum entre os mortais. E entre os do plano espiritual?

Como caracterizar a afeição entre vibrações energéticas, sem o vislumbre da figura, segundo a imagem do desempenho carnal inerente aos genes e cromossomas, ficando tão só no âmbito do amálgama dos fluidos em equilíbrio, cuja formação é mutável?

Kardec sempre desejava saber sob que forma as entidades apareceriam, se fosse capaz de vê-las, dando crédito aos médiuns videntes cujas descrições coincidissem com as formas conhecidas em vida. Mas sabia haver cambiantes de aparências, de modo que os critérios para a identificação dos espíritos na condição de seres desencarnados jamais lhe causou preocupação.

Através da literatura mediúnica, ficamos sabendo que, nas colônias do etéreo, os espíritos buscam fisionomia de fácil reconhecimento, principalmente quando da chegada de antigos parentes, pessoas que ainda se encontrem sob a influência psíquica terrena. Mas nos informaram mensageiros muitíssimo lúcidos que esses reencontros podem encher-se de vibração positiva, na reintegração *familiar* adequada para ressaltar os aspectos dos relacionamentos capazes de pôr os recém-chegados à vontade.

Desde Kardec, fique bem claro, os inimigos se perseguem séculos afora, até que os sofrimentos, as provações e as expiações sejam condizentes com as faltas ou os crimes praticados, emergindo, quando expungidos do sentimento de culpa, para o gozo de uma felicidade que os deslumbra, promissora de estágios de paz duradoura.

Os grupos que se reúnem por análogo fluxo de necessidades de ganhos espirituais precisam estabelecer vínculos de caráter sentimental para entendimento superior? Não bastaria a tais indivíduos reconhecerem-se uns nos outros, como se as individualidades se perdessem em atuante coletividade, ajudando-se mutuamente a progredir?

A dúvida a eivar-se das perguntas dos encarnados residiria no fato de os espíritos não se distinguirem por diferenças morfológicas, notadamente as do aparelho reprodutor, não havendo outro tipo de atração senão o que elege as semelhanças como o sinal mais evidente de que haverá compreensão e, portanto, harmonia.

Podemos pressupor que alguém mais sábio esteja a considerar a hipótese de que seres de maior amplitude espiritual, mais adiantados, mais luminosos, mais poderosos, mais capacitados, mais simpáticos, mais perfeitos, em suma, pudessem despertar o interesse de outros inferiores desejosos de serem agasalhados por quem lhes daria acesso mais fácil e generoso a círculo existencial em que seriam guiados na descoberta dos tópicos essenciais para a equiparação almejada, de acordo com valores que não se percebem senão através de impulsos intuitivos.

Então José, que não gostava de Maria, mas amava Joaquim é história absolutamente verídica e plausível, porque José pode ter sido Aurélia durante a vida na Terra e tudo se ajusta à perfeição no enredo do etéreo. Mas se não gostava de Maria e esta lhe dá aquela atenção de discípulo que almeja conquistar o mestre, irá ele depender do vigor de sua contextura psíquica para entender que a correspondência daquele amor é imperativa, porque as frustrações se alinham entre os problemas mais comuns que desarvoram as entidades menos dotadas, como ocorre, por exemplo, quando a mãe ou o pai rejeitam os filhos.

Haverá condição de acontecer o contrário, ou seja, que um espírito mais evoluído se arreganhe por encontrar resistência ou não compartilhamento de seus eufóricos sentimentos em alguma entidade de menor estatura moral, intelectual ou de outro dos itens que compõem a personalidade espiritual?

Este é dentre todos os casos o que se nos afigura mais próximo de se constituir em história da carochinha, porque não há atrativos a chamar a atenção do superior. Aí, deveríamos montar enredo de múltipla ação terrena, em episódios de encontros e desencontros, promovendo no ser mais adiantado um quê de misteriosa dependência não resolvida, como se, no fundo da consciência, constataste um débito difícil de resgatar.

Valemo-nos desta tarde maravilhosa de psicografia para espairar um pouco mais a inteligência dos queridos leitores, fomentando-lhes alguns aspectos de intrigante composição dentro dos círculos espirituais ao redor do campo de força material, aquele em que estão mergulhados os encarnados. Gostaríamos de avaliar em que sentido se darão as manifestações de agrado ou de desagrado pela descoberta de que nem tudo se encontra definitivamente redigido nas obras mediúnicas ou de cunho doutrinário.

Para evitar confusões até certo ponto admissíveis em relação a muitos leitores não totalmente habituados a esta forma lúdica de apresentar os temas, somos obrigados a referendar as informações segundo as quais os seres com maiores dificuldades, aqueles que fracassam em seus objetivos reencarnatórios, os que não amam mas, ao contrário, odeiam e praticam o mal contra os semelhantes, ou seja, os meliantes, os delinquentes, os criminosos, todos os que são potencialmente perigosos para a integridade física ou moral dos cidadãos cumpridores das obrigações cármicas, são incapazes de ultrapassar as barreiras que eles mesmos constroem com suas baterias de vibrações deletérias, esses sim debatendo-se em regiões psíquicas sem luz e sem ar. Enquanto não se dão conta dos tremendos defeitos de suas personalidades, atribuindo a si mesmos a razão de seus estados de penúria e de sofrimento, não são alcançados pela misericórdia do Senhor, nas figuras dos socorristas que se aprestam para libertá-los dos grilhões morais com que se prendem.

Nesse caso, a história fica muito diferente, porque Maria não gosta de José, que não gosta de Joaquim, que não gosta de ninguém e assim por diante, pois o fato de gostar é sempre uma abertura por onde adentram outros sentimentos, como os da compaixão, da comiseração, da piedade, do respeito, que formarão um encadear poderosíssimo para que se possam soerguer esses irmãos em estágio de tristeza e desespero, porque, nesse caso, são passíveis de percepções da realidade superior, posto que em fugidios clarões de presciência, ainda mais quando, um dia, em alguma circunstância, foram embalados carinhosamente.

São tantas as possibilidades de reuniões de seres segundo o grau evolutivo que nos fica difícil de firmar posição em algum que possa despertar maior interesse. O que podemos dizer é que Firmino, dentre todos os colegas de turma, é o mais amado e o mais admirado, porque soube conquistar nossos corações. Deus o proteja em seus voos perceptivos da realidade superior, segundo sua visão mais acurada do ambiente etéreo!

8. DESAFIANDO O PERIGO

Para muitos encarnados, sequer pensar nos termos pelos quais o fazemos já é correr o risco de desviar do caminho reto do bem, aquele mesmo que nos irá facultar crescimento adequado para sermos recebidos em festa no etéreo. Podemos afirmar que muitos de nós pensávamos exatamente assim e nem por isso deixamos de ir visitar as agruras das regiões abissais, porque estávamos muito crentes de que *tínhamos o pão na unha*, ou seja, de que o nosso procedimento era impoluto, a mais não caber em nós o orgulho de sê-lo.

É como o indivíduo que domina suficientemente o vernáculo para realizar peças perfeitamente lúcidas quanto ao testemunho das ideias e precisão dos conceitos. No entanto, ao se arremessarem pelas estradas mais dificultosas das obras de criação, verificam que pouco conhecem além da humana mediocridade, justamente aquele cabedal que corresponde ao que todo o mundo é capaz de ler e interpretar.

Longe de nós, contudo, arvorarmo-nos em letrados o suficiente para redigirmos de maneira assaz original, a ponto de nos perdermos no encaminhar dos pensamentos, porque, neste tipo de mensagem a que nos propusemos, vale, mui particularmente, o desejo de fazer-nos absolutamente compreensíveis, mais ainda quando os temas não são aqueles conhecidos ou cujos desenvolvimentos estejam na mente desperta dos leitores.

Eis que dispusemos atrevidamente a respeito de conceito totalmente desprovido de importância e o fizemos de forma a demonstrar que temos capacidade para realizar algo em qualquer setor da transmissão mediúcnica. Sendo assim, pomo-nos perigosamente na linha de frente dos que, vanguardemente, desejam despojar-se das intuições, o que fará que se assemelhem bastante aos que pretendem conturbar a mente dos encarnados, favorecendo-lhes o desenvolvimento de ideias abusadas, paralelamente conduzidas segundo os preceitos mais firmes da teoria kardequiana, justamente naqueles pontos em que a doutrina falece perante o desconhecimento dos fluidos e energias de superior textura.

Para os encarnados que não sabem caracterizar exatamente como é que se dá a transmissão dos conceitos superiores, dos pensamentos incompreensíveis para seu intelecto pouco acostumado aos padrões que raiam pela luminosidade dos ambientes em que todas as virtudes se completaram, porque se cumpriram os *carmas* inerentes ao grosseiro desempenho das mentes perniciosas, textos como o nosso podem dar azo a tremores de medo, aquele pavor de quem se sente muito próximo do demônio, sem ter exata consciência do que seja a maldade que faz vibrar os mais estranhos sentimentos, terminando por engolfar qualquer tipo de ingenuidade, que os terrores soem acontecer quando do despertar para a extensão real dos males que se provocam e não dos que se suspeitam.

Nós não tememos as reações de quantas pessoas, a todo momento, se benzem e oram para não serem tragadas pelas tentações dos conceitos cujo vislumbre de coerência esteja ao seu alcance. Essas almas irmãs não querem *pecar* e se põem constantemente nas mãos dos espíritos superiores, para que as livrem dos pensamentos que possam onerar todos os seus impulsos de benemerência em prol dos sofredores. São tímidas, eis tudo.

Mas como prosseguir sendo timoratas e, ao mesmo tempo, incapazes de decifrar o conteúdo conceptual de cada termo com que se defrontam pela primeira vez? No caso da liberdade de expressão idiomática, a solução está na consulta imediata do dicionário.

Quando se trata de preceitos não totalmente claros, com ares, portanto, de possível engodo, tanto que fogem ao ritual das benesses mais comuns da pregação da moralidade para a aferição da divina misericórdia, aí a coisa muda de figura e os temores crescem na proporção da ignorância ou do desinteresse pela decifração dos enigmas que os textos mais audaciosos propõem.

Fiquemos aquém de nossas possibilidades e nunca progrediremos. Se não tivermos a coragem de nos aventurarmos mar adentro, jamais iremos descobrir os mundos novos.

— Mas muitos foram os marujos que perderam a vida nessas travessias, porque não cuidaram de amealhar suficientes informações a respeito da arte da navegação.

Tudo bem. Não vamos discutir que existam os que deram passos mais largos do que as pernas o permitiam, entretanto, quantos conhecimentos não se despertaram, quantas necessidades não se revelaram e quantas perspectivas não se abriram pela temeridade dos que não se contentaram em, perenemente, viajar costa à vista, de modo seguro mas absolutamente incapazes de voos transcendentais. Numa época em que as naves cortam os espaços e se pensa em colocar pessoas nas órbitas de outros planetas, que a Lua já foi devassada, ficar avesso ao destemor dos textos mais corajosos não é sequer possuir o sangue-frio dos que saem em toscas jangadas, para capturar o pão de cada dia além da linha do horizonte.

Para que esta defesa agora, quando as mensagens anteriores têm demonstrado extremo cuidado com o respeito que se deve ter em relação àqueles a quem Jesus prometeu a posse da Terra, porque são humildes e porque serão bem-aventurados? É que a aspiração de uma existência sempre ligada ao mundo físico não condiz com a ênfase que os espíritos de luz deram à lei da evolução, quando responderam às questões propostas por Kardec.

— Quer dizer que vocês têm todas as respostas e se postam para além dos códigos espíritas?

Em absoluto. Estamos simplesmente advertindo para o proceder intelectual medroso, como se a misericórdia do Pai não soubesse distinguir os que possuem boa vontade e verdadeiro amor, no exercício da caridade desinteressada dos lucros espirituais imediatos, daqueles que se utilizam de todas as armas, mui especialmente estas que podem ser oferecidas pelo enredar mediúnico, com o fito de fazer desandar os objetivos vitais de expiação, de resgate, de conciliação e de salvação de quantos estejam ao alcance de nosso poder de amparar.

Não vamos responder com Jesus nem com Kardec. Recomendamos, simplesmente, que tomem muito cuidado, porque nunca é demais saber se a arma está carregada, quando se tem por missão defender a própria existência. Não obstante, quem portar aparato bélico e não souber exercer o direito de empregá-lo em favor do bem é melhor frequentar os centros de treinamento, porque poderão correr o risco de efetuarem disparos inócuos ou capazes de atingir os próprios pés.

Sempre que chega às mãos de nossos médiuns, este tipo de mensagem faz que se desgostem do emissor, muito embora se alegrem sobremodo quando percebem que o

enunciado é complexo e a forma linguística sofisticada. É que gostariam de algo mais sólido, de assertivas mais contundentes, de conselhos dirigidos em função de se corrigirem pendores ou procedimentos, através de exemplificação vivaz e peremptória. Textos simplesmente intuitivos, sem público-alvo definido, não atraem os mediadores, que tendem a esquecer tais produções no fundo de seus baús, porque não se atrevem à exposição às críticas dos amigos e companheiros de estudos doutrinários.

É pena.

Por outro lado, os que assumem a postura contrária, ou seja, os que enfrentam os dissabores das respostas negativas, terminam por se isolar e por fomentar os atributos inerentes a surdo negativismo, primeiro voltado para a *incompetência de discernimento* dos críticos, depois para sua própria *incapacidade de percepção* de que o tempo gasto poderia bem tê-lo sido de maneira mais proveitosa, caso se tivessem devotado a aconselhar espíritos sofredores, em reuniões de desobsessão. Um caso mais raro mas que pode trazer um pouco mais de luz para este tipo de demonstração é o dos médiuns que vão além do pessimismo dos dois tipos anteriores e passam a reivindicar comunicações de caráter absolutamente incompreensível, terminando por oferecer a alguns espíritos igualmente descontentes com sua condição mediana a oportunidade de exporem teorias próprias da mais completa falta de fundamento na realidade. Tomam os próprios pensamentos como a verdade mais coerente com os fatores existenciais e se tornam obsessores de si mesmos.

Evidentemente, percorremos todo o espaço possível dentro dos limites das ações humanas, em termos de estabelecer os diversos padrões para o resguardo consciente das operações mentais. Se incentivamos o arrojo, também manifestamos o pendor para o sacrifício controlado pelos valores evangélicos mais lídimos, dentro dos parâmetros da fé segundo Kardec, que a queria delimitada pela razão.

Ficam as conclusões por conta dos que gostariam de ler as nossas manifestações muitas vezes, para a fixação do quanto têm de pueris, mediante as diretrizes do Espiritismo fundamentadas no princípio de que fora da caridade não existe salvação.

9. PURA ALEGRIA

Conicionados pelas rigorosas lições de nossos caros e preclaros mestres, envolvidos pelo tom sério das palestras e pelo halo de santidade que se desprende em ondas de fortes vibrações, tendo em vista seu sadio intento de nos ajudar, caridade elevada ao supremo tirocínio que já tivemos ocasião de sentir, motivação impertérrita para todos os atrevimentos intelectuais, adquirimos o vezo de nos mantermos em atitude de resguardo da atenção, para conseguirmos desfrutar todos os ensinamentos, em todos os locais, a qualquer hora. Essa atuação puramente escolar, no mais alto interesse de vencermos os cursos e nos diplomarmos *socorristas*, que é o estágio mais próximo da ingenuidade dos primeiros tempos na *Escolinha de Evangelização*, gera em nossos caracteres o primado da responsabilidade.

Ora, existe a necessidade do descanso mesmo para as entidades do etéreo, porque o desgaste energético, tal como nos corpos materiais, também sói afetar o perispírito, porquanto, embora de diferente natureza, também aqui existe a transformação dos elementos, os quais se condensam em nossas baterias orgânicas, em atos e ações, conforme desempenhamos papéis mais ou menos mentais ou *manuais*, esta última palavra grifada porque se refere a trabalhos que se destinam a amparar os irmãos carentes de apoio, como no caso de quem serve nos hospitais e está a todo momento tendo de sustentar o teor vibratório dos enfermos, através do poderoso medicamento que se elabora ali mesmo, pela doação magnética ou fluídica que, nesse caso, guarda certa similitude com a transfusão de sangue ou a doação de medula óssea.

Como a faixa de responsabilidade se estende para além das tarefas meramente escolares, ou seja, os alunos também vão em busca de se tornarem úteis em setores para os quais é suficiente apenas um pouco de dedicação e algumas horas de suave empenho, quase nunca se tem tempo para o lazer. Curioso, neste aspecto, é o fato de que o pessoal integrado nas classes um pouco mais adiantadas dos estudos doutrinários e filosóficos se deixa atrair, em seus momentos de folga, pelas conferências didáticas e pelas artes superiores.

Eis que se poderia chegar à exaustão não fosse pelo rigoroso controle do tônus espiritual, efetuado, obrigatoriamente, em dias e horas constantes da programação individual, em harmonia com as atividades em grupo. Detectada alguma defecção orgânica com sinais de perigo, de imediato somos instados a avaliar todas as atividades desde o último exame para atribuir ao efeito sua causa exata. Então, a menos que haja dissensão moral ou que algo externo tenha influenciado no resultado que mediu a deficiência, somos induzidos a amenizar a programação, quando incluimos no roteiro existencial passeios e distrações prazerosas, de resto, para prestigiar os companheiros que estão em fase de aplicação do aprendizado nesse campo importantíssimo destinado ao refazimento das forças e à diversificação dos interesses.

Vamos dizer que esta mensagem possa caracterizar-se dentro desses princípios, porque julgamos que os leitores estão despendendo um bocado de energias intelectuais para a decifração dos conceitos anteriormente expendidos. Não é verdade que o estilo se

tornou muito mais ligeiro, muito mais agradável, a partir de escolha vocabular mais coerente com o coloquial, pelo menos das pessoas cultas? Então, o que resta para tornar esta demonstração completamente de acordo com o exemplo que tivemos a pretensão de trazer?

Nós vamos dar um tempinho para os amigos pensarem mas achamos a resposta por demais óbvia. Ei-la: falta dar a esta mensagem uma dimensão menor, para dispor os ânimos com mais vontade de voltar às discussões teóricas, ou seja, ao fulcro da obra.

No entanto, essa alegria será cortada pela metade, porque não aceitamos o fato de irmos falar em descanso num momento de fermentação das ideias, quando nos preparamos para avançar na direção dos eventos mais substanciais dos trabalhos de aplicação dos conhecimentos, quando, sem deixar transparecer os sentimentos, iremos delinear os tópicos em que se ganham alguns pontos para o escore vitorioso de quem almeja evoluir mais rapidamente.

O parágrafo anterior foi adrede preparado para provocar determinado tipo de reação mais sutil no âmbito intelectual dos leitores, qual seja, o de que deveriam, de pronto, suspender a leitura e chegar à seguinte questão: se o sujeito está aproximando-se de nível evolutivo superior, não será essa a motivação maior para que sintam aquela *pura alegria* do título?

Então, se os amigos concordarem com essa conclusão, nada melhor do que prosseguirmos no mesmo diapasão em que vínhamos entoando a nossa cantilena doutrinária.

Graças a Deus!

10. SE ATÉ PEDRO...

Não foi por acaso que deixamos de preencher a frase do título, uma vez que qualquer leitor será capaz de fazê-lo, até com certas propriedades criativas surpreendentes. Mas a referência ao fato de se ouvir o galo cantar deve ser prioritária, caso contrário não se saberá a que se faz referência.

Pois bem, não há quem não tenha, durante a presente encarnação ou em alguma anterior, desde que tenha sido neste mundo de provas e de sofrimentos, negado a Jesus ou ao Pai, sem refletir direito nas implicações dessa atitude. É que nem sempre as pessoas têm completo domínio das reações emocionais, o que não incide, necessariamente, em grave falha de caráter. Qualquer pessoa normal, perante os fatos da vida, tem direito a alguma reação desfavorável às noções superiores ensinadas por Jesus ou por Kardec.

É que ninguém é perfeito.

Poderíamos repetir a frase acima *n* vezes que não iríamos jamais incidir em erro relativamente a cada pessoa, mesmo que fizéssemos alusão ao ser mais próximo da eterna bem-aventurança que já cruzou pelos caminhos do orbe terráqueo, ou seja, Jesus.

Isto posto e para não desagradar a ninguém, devemos afirmar que, a cada nova passagem pela vida, as pessoas vão eliminando muitos de seus vícios ou aleijões morais, de sorte que, vai dia, vem dia, não retornam mais a esta matéria, merecendo ser recebidas mais além, por irmãos que demonstraram ter vencido as barreiras...

Agora, perante estas outras reticências, cremos que já podemos concluir que existem muitos seres no etéreo capazes de pleitear o gozo de nova condição existencial, segundo os méritos conquistados pela aplicação dos conceitos evangélicos ao *modus operandi*, ou seja, nos entreveros que mantiveram consigo mesmos, para a eliminação dos defeitos.

Foi assim que se despediu do grupo o nosso irmão Firmino, alçado por companheiros de camada imediatamente superior, para estágio, a título de adequação à nova realidade, junto a grupo de maior evolução que se destinava a arrebanhar socorristas em fase final de aperfeiçoamento quanto a atender às dores alheias.

Houve lágrimas de profunda felicidade por parte de todos, em um pela compreensão de que o caminho trilhado correspondia à fé que o Senhor depositou no desempenho de todas as criaturas, nos demais por se saberem apaniguados pela companhia de um ser em vias de ascensão.

Após o bota-fora, Homero reuniu o *Grupo dos Intentos Honestos* e propôs um problema no mínimo curioso. Disse ele:

— Segundo o estrito ponto de vista de alunos e de colegas de nosso *ascensionado* Firmino, desejo que vocês discutam o fato de um aluno haver merecido o benefício do chamamento evolutivo, enquanto na colônia permanecem inúmeros instrutores, professores, mentores, administradores etc., na condição de seres necessitados ainda de passar por certas provas, para receberem o mesmo convite. Será que, no íntimo de

cada um de nós, existe uma figura correspondente àquela de Pedro, prestes a ouvir cantar o galo?

Foi um rebuliço geral. Contrariando a norma de efetuar os estudos com muito método, buscando pesquisar antes de expender opiniões ou pareceres a respeito de qualquer tema, ficamos como que perplexos, porque não tínhamos como avaliar a desenvoltura moral, energética, mental, perispirítica, vibrátil ou intelectual, nem parcial, nem globalizadamente, de nenhum de nossos mestres. Era um desafio verdadeiro que Homero nos lançava, no fogo cruzado de um sentimento de frustração que punha a euforia de uns momentos antes completamente por terra.

11. O SENTIDO DA CRÍTICA

Desarvoramos um pouco mas não perdemos a linha. Refletimos que não estamos afeitos à perfeição e chegamos à conclusão de que o nosso pensamento, ainda que em descompasso com os sentimentos, com os setores emocionais das reações psíquicas, é capaz de aferir como se faz para se alcançarem as virtudes transcendentais, de modo que o sentido das observações que levamos a cabo relativamente ao desempenho de quaisquer criaturas pode aproximar-se muitíssimo da verdade, sem que nos informe esse mesmo pensamento quais os desvios mais sutis de conduta que nos impedem de vislumbrar a melhor saída para desfazermos os liames absurdos que fazem que nos agarremos a nós mesmos a ponto de não nos permitirmos avançar.

É o mesmo que escrever um tão longo parágrafo quanto o anterior e julgar que a obra acabada está muito próxima da perfeição e que não pode ser melhorada em nenhum aspecto fundamental. No entanto, qualquer ser um pouquinho melhor aquinhoado de cultura e de conhecimento da doutrina, sem contar com outros elementos fundeados na humana sabedoria, irá perceber onde se encontram as falhas e quais os métodos mais profícuos para se eliminarem elas.

Está claro que o sentido da crítica passa por diversas fases, chegando mesmo a roçar pelas lindes da verdade como fator absolutamente real. Mas a expressão que dominamos não nos faculta outra maneira de enunciar as ideias, de sorte que, por mais que fundamos o cérebro em busca de simplicidade, para dar ao texto o teor mais propício ao entendimento generalizado dos leitores encarnados que demonstrem interesse por este tipo de desenvolvimento mediúnico, não iremos realizar obra de sentido universalizante. Sendo assim, a primeira a sofrer o impacto das observações tendentes à colocação dos tópicos em seus devidos lugares é esta manifestação mesma.

A partir daqui, como é que iremos ousar falar o que quer que seja a respeito dos instrutores, professores, mentores etc., se não temos condição ao menos de estabelecer parâmetros adequados para a anotação com a maior acuidade do que se passa em nossa personalidade?

Íamos por aí nas discussões do grupo, quando o nosso querido professor Homero nos sugeriu que dividíssemos o tema esquematicamente, buscando saber se as falhas podem apresentar diferentes naturezas, segundo o grau de consistência do conhecer e do atuar de cada um. Deu-nos como exemplo o fato de que alguém pode gaguejar (com o perdão dos leitores com tal defeito), apresentando para a dificuldade vários quesitos como prováveis causas. Iríamos buscar saber se, novo exemplo, a língua é que estaria presa, o que nos remeteria para uma solução cirúrgica.

Achamos ridícula nossa esdrúxula argumentação teórica e, a partir desta situação mais confortável, fomos elevando os níveis de aspiração até precisarmos com exatidão todos os pontos possíveis de disparate entre o desempenho, na qualidade de instrutores, de todos os nossos superiores e a possibilidade, mais ou menos remota, de serem guindados a esfera mais adiantada.

Nesta altura do campeonato, é lógico que os leitores estejam esperando as informações de quais foram os desenvolvimentos parciais de nossas lúcidas apreciações críticas, para poderem, ao aqui chegarem, apressar a aprendizagem e saltar sobre o sacrifício das etapas em que fomos crescendo muito paulatinamente.

Sendo assim, também é justo observar que o trabalho que tivemos não aguenta transposição formulada em mensagem que pudesse expressar-se em humana linguagem, tantas são as nuances, digamos, metafísicas, que os tentames de acerto e correspondentes escorregadelas nos erros consignaram. Ficamos, pois, a dever um esclarecimento mais generoso, mais amplo e mais conclusivo, servindo-nos deste artifício para sugerir que nos perdoem e que por nós procurem assim que se matriculem neste instituto de ensino.

Gragejos à parte, nossa intenção é demonstrar que ficamos exatamente sem saber o que fez que Firmino fosse convidado e os mentores, não. Se o soubéssemos definitivamente, talvez nós também fôssemos alçados ou *ascencionados* (que maravilhosa palavra!), porque não perderíamos a oportunidade para riscar de nossa produção existencial tudo o que corresponde a atraso ou que restringe o horizonte. Mas, pelas informações das obras de Kardec, desde que filtradas convenientemente pela inteligência capaz de configurar o que está aprendido e assimilado, em relação ao que paira no ar como dúvida ou permanece na obscuridade como ignorância, porque às vezes não damos a devida atenção a todos os argumentos e a todos os ensinamentos, cada qual haverá de ir crescendo dentro da doutrina, pela aplicação das diretrizes em todos os campos de trabalho ou de reflexão.

Em última análise, dado que os amigos encarnados que conseguiram manter-se acesos para esta lengalenga mais ou menos sensibilizada pela constatação de inferioridade em muitos fatores constituintes de nossa espiritualidade estão perfeitamente aptos a uma crítica rigorosa de nossa apresentação e do que por detrás dela se ache, julgamos de bom alvitre encerrar o presente capítulo, prometendo ser mais esclarecedores nos próximos.

12. SIMPLIFICANDO A LINGUAGEM

Quando chegamos a este posto de trabalho, desejamos favorecer o entendimento das ideias que transmitimos, segundo os conhecimentos que haurimos nas aulas. Como temos o retrospecto das turmas que nos antecederam, ficamos interessados em corresponder ao que de nós se espera. Quem espera? Os próprios colegas de turma, aqueles que compõem o grupo de estudantes e que não fazem parte do corpo de redatores, sempre em número bastante reduzido, porque não são muitos os que aceitam a responsabilidade da composição escrita.

Aí descortinamos alguns sérios problemas relativos à transmissão dos textos rascunhados, porque muitas ideias permanecem no âmbito dos fluxos vibratórios de fácil intelecção por parte dos desencarnados, mas quase impossíveis de registrar com a mesma precisão com que são concebidas, uma vez que nos faltam elementos vibráteis mais adequados para a informação das nuances dos pensamentos, muitos deles no âmbito dos conhecimentos científicos, filosóficos e doutrinários específicos deste nosso ambiente, que é completamente diferenciado do campo receptor de nossos impulsos.

Mas poderíamos contornar os problemas lançando mão de perífrases, de comparações, do estabelecimento de enredos em que, pelo jogo dos episódios e das ações, as personagens são colocadas em situações em que se obrigam a desenvolver raciocínios de toda espécie, condizentes com os dramas que desejaríamos enunciar como os principais onde se devem aplicar as noções que nos pusemos aptos a discutir para provimento do ideários dos leitores.

Vejam, caros amigos, que até mesmo esta comunicação que visa a ser esclarecedora vai recebendo o impacto de certo maneirismo de expressão próprio do lado de cá. Na verdade, para cada classe que se apresenta, os mentores propõem um tipo de redação ou de obra que sabem estarmos em condições de produzir e de transmitir. Ora, a nós nos coube algo muito mais sutil, uma discussão junto ao limiar dos seres que são chamados ou que se condicionaram para frequentar campo energético menos denso ou mais purificado, o que nos impede de facilitar demasiado a exemplificação, porque iríamos, aí sim, ficar pairando no vácuo das ideias absolutamente inconsistentes do ponto de vista de quem luta para se desvencilhar do peso da matéria.

Tal peso, entenda-se bem, varia muito de indivíduo para indivíduo, de sorte que acabamos por eleger um público de certa cultura e de certa desenvoltura intelectual, ao mesmo tempo que pleiteamos, insistentemente, que os aspectos emotivos não interfiram, porquanto, a todo momento, o que escrevemos vai constituindo-se em desafios, às vezes propícios a desencadear muitas formações energéticas de caráter negativo ou, no mínimo, pessimista. No entanto, imbuímo-nos com as melhores intenções, apesar de tudo.

Fiquemos assim: os textos não poderão ganhar a fluência eloquente das manifestações dos seres superiores, aqueles espíritos de luz que aquinhoaram Kardec de magníficas demonstrações de sabedoria, porque tinham por missão desenvolver toda uma disciplina metodicamente organizada, sugerindo, desbastando, suprimindo, acrescentando, em suma, compondo o pensamento que se traduziria em textos pela lúcida capacidade de escritor e de pensador do mestre e pedagogo, o Professor Rivail.

Mas essas águas são passadas e nos ficou a impressão de que o selo da perfectibilidade é o que se apôs às obras, deleitando os neófitos, mas indispondo os mais argutos, porque, em cada ramo do conhecimento humano, crescem as intuições e se alargam os horizontes. Preciso seria, no caso, que voltassem aqueles mesmos luminares da doutrina, para irem completando sua obra, à medida que a civilização se aperfeiçoa ou as almas se melhoram, por influência da própria tese assimilada a partir dos livros da codificação.

Mas onde estaria o novo codificador para dar vazão aos impulsos evolutivos que do etéreo emanariam em forma de novas questões e de novas respostas, em conjugação com os novos anseios dos encarnados?

Eis que estamos no que se poderia chamar de *sinuca de bico*, não fosse tal expressão tematicamente imprópria para o entendimento da maioria dos leitores. Eis que precisaríamos ampliar as explicações para pôr todos a par do fato de que *sinucado de bico* fica o jogador de bilhar cuja bola de arremesso, ou seja, a bola branca, aquela que obrigatoriamente ele deve tocar com o taco para impulsionar uma outra sobre a mesa, fique encostada próxima de uma caçapa, de sorte que, ao bater nela, o jogador jamais consiga visar a bola da vez ou qualquer outra na qual se arriscaria a perder os sete pontos da jogada.

Vencemos a tentação de ficar sem nenhum exemplo e nos aventuramos numa explicação tão minuciosa quanto possível, no intuito de demonstrar que até mesmo ideias simples, mas não universais, exigem do escritor muitas palavras, onerando sobremodo a composição com descrições que desviam do fulcro temático. Se tal ocorre em relação a um simples aspecto físico que qualquer leitor poderá ir constatar *in loco* ou no dicionário¹, imaginem quando estamos diante de conceitos absolutamente abstratos no sentido de que sua averiguação se restringe aos elementos morfológicos ou argumentativos dos pensamentos, uma vez que os dados, digamos, concretos, se situam numa outra dimensão.

Teremos justificado algumas de nossas exposições anteriores? Parece aos nossos leitores que está valendo a pena esta parada para meditar sobre alguns tópicos meramente formais? Ou existem anotações que a nós parecem extremamente corriqueiras, enquanto para os encarnados podem apresentar indícios de ideias sobre as quais não se haviam ainda debruçado para exame mais arguto, sempre buscando vasculhar o que de útil possa haver nestas dissertações?

Gostaríamos de ter deixado patente, pelo menos, que estamos altamente interessados em produzir algo que possa constituir-se num poderoso incentivo para pesquisas mais objetivas, de acordo com as necessidades de cada qual, para o que não estamos poupando os neurônios, nem nossos, nem de nossos auxiliares diretos, os imantadores, os sustentadores energéticos, os guardiães de ambiente, os assistentes de transmissão mediúnicas, os professores que nos apoiam e que nos ajudam em todos os momentos da confecção e do enfeixamento textual, os companheiros que nos auxiliam no aspecto redacional, os técnicos dos diferentes departamentos a quem recorreremos para a melhor organização do teor dos assuntos, segundo a bibliografia arquivada, e para a resolução de muitos problemas específicos relacionados ao trabalho de compatibilização

¹ Eis como o *Dicionário Aurélio Eletrônico* registra, no verbete *sinuca*, a expressão *sinuca de bico*: Bras. Gír. Posição em que a jogadeira para à beira da caçapa, encostada ao ângulo que esta forma com a tabela, ficando interrompida a reta que une a bola da vez à jogadeira.

magnética ou fluídica durante o momento mediúnico, e até os amigos encarnados que nos servem de trampolim para fazermos chegar o trabalho às mãos dos leitores.

Eis que a seriedade desta tarefa deve ser levada em consideração, porque nos frustraríamos deveras se nos acoimassem de mistificadores, de plagiadores, de mal-intencionados ou de meros artífices de confusão doutrinária, para engodo ou ilusão de quantas pessoas ingênuas nos caíssem nas garras. Ao contrário, felicíssimos com o resultado desta mesma mensagem, que julgamos ter alcançado plenamente todos os objetivos a que nos propusemos, elevamos o pensamento a Deus, agradecidos e emocionados pela deferência desta bem-aventurança que é a de dar um bom acabamento ao trabalho que nos pleiteiam, para que possamos ascender um tiquinho em nossa peregrinação existencial.

Graças a Deus!

13. A PRIMEIRA VITÓRIA

Quando conseguimos decifrar o real sentido da lei de amor, pelo entendimento da lei de justiça, oferecendo ao Pai o nosso coração em bandeja de sofrimentos pelas culpas que fomos capazes de discernir, e compreendemos a magnitude da misericórdia do Criador, foi só então que nos demos conta de que algo se transformava no interior de nosso ser e figuramos, conscientemente, que algo de melhor alcançaríamos realizar desde aquele sacratíssimo momento.

Hoje, a cada novo passo dado na direção do aperfeiçoamento contínuo de nossas reações, porque vamos cada vez mais percebendo onde se encontram os pontos que emperram o descortino da bem-aventurança, há uma festa íntima, um júbilo que se espraia em atividades de benemerência, fórmula mais elevada da prece com que agradecemos a existência e a possibilidade de ampliar a esfera em que atuamos.

Não é bem assim que devem os leitores encarar os desafios de cada hora, relacionando-os incessantemente aos tópicos da perfeição que cada qual foi capaz de conceber, admitindo a tese espírita do evolucionismo como a filosofia mais consentânea com a verdade? Se não prestarmos atenção ao que fazemos e como fazemos, agindo apenas mecânica ou automaticamente, iremos fazer desaguar o nosso arroio em águas turbulentas, agitadas pelo egoísmo, pelo orgulho, pela vaidade, pela preguiça, pela prepotência, pela incompetência de quem deixou de aspirar pela perfeição e se considera o supra-sumo do ser humano, espírito de escol, alma apaniguada pela deferência superior de tudo captar, catalisar e dispor, segundo o modelo eleito para sua aceitação social e familiar, deixando de acreditar que alguma ação não esteja convenientemente adequada ao cumprimento das recomendações de Jesus, pela explicação de Kardec.

Claro deve ficar, não obstante, que não estamos desejosos de abalar os alicerces penosamente construídos sobre os preceitos da doutrina espírita. Não nos importa muito se existem conquistas intelectuais de vulto; consideramos acima de tudo os aspectos da aplicação delas no campo de luta, porque, se é valioso conhecer, muito mais o é realizar com o mais completo domínio de todas as reações. Aliás, além disso, seria muito mais plausível que os exames se dessem *pari passu* a todos os movimentos do indivíduo como entidade ou ser, globalizadamente, o que não se permite enquanto nos revestirmos de algo corpóreo, ainda que com a sutileza do perispírito.

Este desenvolvimento teórico só tem valor mesmo no campo das ideias, porque, constantemente, estamos a deparar com falhas de exposição, sem contar o grande engano da obra como um conjunto que não consegue ser universal.

Utilizando-nos de modo mais popular de reproduzir este aspecto, diríamos que é muito mais fácil falar do que fazer, ou ainda, que estamos sugerindo que se faça o que dizemos e não o que nós mesmos estamos sendo capazes de produzir. Será que deixamos bem expressa a ideia de que o nosso trabalho de confecção da mensagem elege esta permanente autocrítica por injunção temática?

Eis que nos deparamos com nossa verdadeira primeira vitória neste trajeto de elucidação de como obter valiosos pontos positivos para o cômputo do aperfeiçoamento suficiente para nos guindarmos ao nível evolutivo ulterior.

Se consultássemos Firmino, ele nos diria (como deixou sugerido) que o maior indício do crescimento espiritual se encontra no fato de que os temas vão tornando-se cada vez mais ousados, porque a consignação de todos os princípios da esfera apenas nos permite firmarmo-nos nela, cada vez mais arraigadamente, até compreendermos que existem outros conhecimentos em todos os setores da espiritual desenvoltura que devem ser dimensionados de outro modo, para alcançarmos alvará para ascender, porque abrimos o coração para novas perspectivas de realização, abrangendo universo cada vez mais expandido e, portanto, cada vez mais coerente com o desempenho dos espíritos que nos são superiores.

Neste ponto, aceitaremos a crítica que nos seja feita quanto à constância com que nos lastimamos de inúmeros aspectos em que nos declaramos inferiores, porque, dessa forma, não estaremos dando vazão aos impulsos mais enérgicos do âmago de nossos seres, para o arremesso confiante em que seremos sempre e cada vez mais amparados no caminho que estivermos trilhando rumo à perfeição.

Desde que equilibramos o pensamento e ajustamos o teor vibratório em função de transmissão mediúcnica melhor formulada, segundo os termos linguísticos propiciados pela norma culta dos seres encarnados, estamos acreditando que os textos vão adquirindo aquela universalidade ideal que pressupõe que todos os seres têm condições de ascender, desde que façam algum esforço para isso, o que está incrustado em todas as leis registradas por Kardec em *O Livro dos Espíritos*. Assim sendo, não podemos considerar uma falha do transmissor o fato de que nem todos os encarnados possam encontrar-se em condições de assimilar todos os conhecimentos com que impregnamos a comunicação. Mas podemos — nisso acreditamos com superior convicção — pressupor que os que nos entendem e que nos aplaudem estejam prontos para conduzir os ignorantes, de um modo ou de outro, à superação das deficiências deles.

Como, entretanto, não pretendemos constituir-nos em *superegos* de ninguém, papel absolutamente antipático, primordialmente porque vimos declarando-nos insuficientemente evoluídos, vamos restringir as considerações nos setores em que as susceptibilidades poderiam ferir-se. Fique a demonstração do poderio da eloquência como a principal e sutil recomendação de que algo precisa ser feito no sentido, primeiro, de se decifrarem as palavras e os pensamentos aqui depositados e, depois, que se realizem exercícios para depuração da maneira de redigir, até que se consigam desempenhos compatíveis com a nossa capacidade, para que se possam elaborar trabalhos de melhor nível, o que seria a demonstração inequívoca de que o próximo passo evolutivo estaria prestes a encaminhar os amigos para uma esfera de maior felicidade e pureza espiritual.

Mas não se deixem impressionar caso nem tudo seja possível desde já. Apenas o fato de haver chegado até este ponto da dissertação já é significativo indício de que tudo está em transformação em seu ser relativamente a serem recepcionados em festa quando arribarem por estas plagas. E isto merece uma oração de profundo agradecimento ao Senhor. Sendo assim, acompanhem-nos num pai-nosso silencioso.

... Assim seja! Graças a Deus!

14. O PODER DA PRECE

Então, o povo pediu uma prece a Jesus.

E Jesus ensinou a orar através da maravilhosa prece que conhecemos e repetimos.

E veio Kardec e nos deu inúmeras orientações, para que rogássemos ao Pai, sob a assistência dos espíritos amigos².

E vieram tantos companheiros de planos mais elevados, que ditaram, em divinas modulações, tantas orações esplêndidas, sintonizadas aos nossos aparelhos sentimentais e emocionais, controlando as repercussões intelectuais para que pudéssemos fazer jus ao eco de nossas vozes, a ver se se afinavam com os hinos dos seres que nos amparam desde seus círculos de maior perfeição e pureza.

E cá estamos nós, perante os leitores terrenos, cujos horizontes mentais suspeitamos de bom quilate, para que possamos desenvolver os nossos temas, conforme temos pedido constantemente, em preces, aos nossos anjos guardiães, com os atributos da clareza e da boa vontade em aprender tudo quanto nos falte para alcançar tal objetivo.

Pusemos alguns textos perante o olhar atento dos leitores. Suspeitamos de que estejamos sendo lidos com o máximo de carinho. Fazemos votos para que os temas contenham matérias de interesse, que possam, ao menos, enlevar os amigos, no sentido de fazê-los compenetrar-se de que, uma vez no etéreo, irão ter de prosseguir lutando contra a ignorância, e cada vez mais, porque, conforme temos enfatizado, quanto maiores os horizontes que descortinamos, mais profundamente vamos entendendo que o que guardamos em nossos reservatórios de saber é absolutamente insatisfatório.

Aí, nos surge a indefectível questão a respeito do tempo que teremos de aplicar, no mínimo, para absorção de quantos conhecimentos são necessários para darmos mais um passinho no âmbito do desenvolvimento evolutivo. E ficamos muitíssimo preocupados porque pensávamos que os nossos estudos se acresceriam da misericórdia do Pai onde tivéssemos falhado, principalmente porque o fundo do nosso poço era logo ali, tão raso, que um espelinho de água escondia e nos pregava a peça da profundidade. E nos pomos desconfiados de que o saber pode estar imanente em nós, porque temos a flama divina que arde eternamente no âmago de nosso ser.

E perguntamos se há, realmente, necessidade de conhecer mais e mais, porque as ciências humanas nos parecem cada vez mais densas e cada vez mais complexas, impossíveis de se assimilarem em uma centena de vidas sucessivas, por maior seja a nossa capacidade de retenção nos cabedais da memória.

Pois bem, uma simples oração, se bem que não nos forneça uma única nuance de um novo conhecimento, desde que dita com fé, com esperança, em harmonia com o reconhecimento da misericórdia de Deus, nos facultará a compreensão de que o tempo se abre para nós em desdobramentos infinitos, sem que possamos, um só instante dessa eternidade, preocuparmo-nos com nós mesmos, tão empenhados estaremos em propiciar

² *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XXVIII: *Coletânea de preces espíritas*.

aos irmãos a bem-aventurança de um saber glorioso, de uma vivência de caráter superior, a produzir ondas de quietude, de paz, de íntima alegria, que nos fará aumentar a potencialidade da aprendizagem, elevando em progressão geométrica o que pensávamos estacionado ou em ritmo decrescente pela impressão sensória da degeneração carnal sobre que não conseguimos ter ascendência.

No momento em que soubermos configurar a lucidez dos sábios como tendo finalidade absolutamente coerente com a nossa natureza divina, passaremos a entender cada vez melhor que a ignorância é relativa e proporcional à má vontade com que atendemos aos reclamos do aperfeiçoamento, pedra angular do edifício espírita, pois sedimenta a noção maior de que o Pai nos fez simples e ignorantes com o fito de que, ao lhe bater à porta do reino, o teremos feito por mérito nosso, após termos perlustrado todos os ínvios caminhos e atravessado todos os umbrais, desde os mais estreitos.

Terminamos o capítulo anterior solicitando que nos acompanhassem num pai-nosso silencioso. Então, iremos insistir nesse aspecto, para que, também ao se abrir um livro, se crie o hábito de principiar a leitura apenas após uma oração, justamente aquela que faça apelo aos espíritos protetores que estejam presentes durante o exercício mental, enquanto a nossa postura de cada hora ainda não consigne, automaticamente, o recolhimento que nos efetivará no seio maravilhoso dos seres mais adiantados.

Quando tivermos firme a ideia de que os espíritos nos rodeiam e nos influenciam, segundo o timbre de nossa voz moral, poderemos afirmar que a nossa prática diária se fundamenta em atos da mais pura caridade, porque teremos despertada a consciência para o fato de que tão somente o que for bom e justo atrairá os benefícios das bênçãos do Senhor.

Abram agora o seu álbum de recordações do coração e leiam a prece que melhor se conforme ao seu sentimento, ao influxo das ideias hauridas nesta mensagem, sabendo que toda e qualquer restrição ao nosso pensamento deverá refletir-se indelével nessa sua transmissão mental ao etéreo e que todo agrado que se reverter em saudável vibração de amizade e de respeito irá constituir-se num enlevo da mais profunda felicidade para a classe que se apelidou de *Grupo dos Intentos Honestos*.

Que nos valha o nome!

Graças a Deus!

15. SERIAL KILLER

Uma das maiores dificuldades dos encarnados reside em enfrentar os inimigos sociais. Mesmo quando se trata de quem dilapida o patrimônio alheio, muitos existem que exigem o extermínio do criminoso, através de um rito de caráter judicial, porque as pessoas gostam de se esconder por detrás de uma fantasia que as exima da própria responsabilidade.

Parece-nos absolutamente claro que os assassinos múltiplos são considerados os mais perversos, justamente porque o povo se arrepia ao imaginar que o mesmo poderia ocorrer a si mesmo ou a um dos familiares. No entanto, poucos admitiriam um instinto de vingança. A maior parte iria dizer que se trata de ato de pura defesa social, porque os indivíduos seriam um perigo uma vez devolvidos ao seio da comunidade.

Por outro lado, levadas essas mesmas pessoas a uma congregação de cunho religioso e altruísta, porque existem também as que pregam abertamente o extermínio dos seres em débito para com a lei de talião, iriam concordar em que o Cristo nos apregoou como suprema virtude a lei do perdão, rogando ao Pai para que tivesse compaixão por seus algozes que, dizia ele, não sabiam o que estavam fazendo.

Será que essas pessoas teriam a coragem de executar uma sentença de morte? Provavelmente, não. A consciência ou a perspectiva do sentimento de culpa iria pesar consideravelmente na deliberação de serem o móvel da aplicação da lei.

Há algum exemplo nos *Evangelhos* de Jesus abraçando-se a um criminoso comum, desses que matam e não se arrependem? É clara a lembrança da mulher adúltera em vias de ser lapidada, para quem alcançou evitar a execução. Também é bem conhecido o episódio do ladrão que se dependurou ao seu lado direito e a quem prometeu a salvação, porque se arrependeu. O do lado esquerdo, o mau ladrão, ficou ao deus-dará de sua condição inferior.

Mas deparar-se com um frio assassino, desses que repetidamente estupram e matam, que dizem sentir prazer nesses atos tenebrosos e que o fariam e fazem de novo tendo oportunidade, não nos lembramos de haver lido nenhum episódio a respeito. No entanto, a todos que Jesus curava recomendava que não voltasse a delinquir, assegurando a muitos que fora a fé que os havia curado. Ora, quem merece ser salvo de qualquer situação aflitiva, sendo-o por mérito próprio à vista de percuciente análise que o tenha levado a concluir pela culpabilidade anterior, ainda que alguns não definam com precisão qual teria sido o desvio de conduta que lhes produziu a afecção, não corresponde ao retrato do *serial killer* a que fizemos referência.

Vamos dizer que haja problemas físicos a causar os distúrbios emocionais, a ausência de solidariedade humana, a falta absoluta de piedade e o excesso de euforia pela prática dos atos maldosos. Vamos fazer corresponder esses gestos contra os seres humanos aos que se praticam contra os animais, porque são seres inferiores e servem de alimento. Vamos admitir o abate para o lucro pela venda das peles e de outros itens produzidos com a carcaça deles. A pergunta obrigatória diz respeito à canalização do mesmo estado de fúria cega em relação às pessoas. Será que esses sujeitos que se dedicam

à caça ou à pesca, sem outro objetivo que não o esporte de matar, não estão simplesmente fazendo derivar o que têm de sanguinário?

Não estamos pretendendo enquadrar os assassinos num painel mais amplo de normalidade. Nem estamos desejosos de comprovar que estes últimos, os dos animais ou os dos que exercem seu furor sem chegar às últimas conseqüências, limitando-se a torturar as pessoas e demais criaturas, desejam confirmar seu poder de sobrepujar seus complexos psíquicos, por causa do cerceamento moral da liberdade pela educação que lhes foi imposta para a censura dos atos agressivos.

O que pretendemos, deveras, é caracterizar os indivíduos encarnados como absolutamente instáveis, como no caso dos linchamentos, quando a coletividade age em onda de vibração temerosamente próxima da mais completa insanidade.

Quando da divulgação do nome do responsável, forma-se uma corrente vibratória de caráter fluídico contra o infeliz, de sorte que se desencadeia certa movimentação também entre os que estão nas camadas inferiores do círculo terreno, quase anulando por completo a atuação dos protetores individuais ou familiares, muitas vezes relegados ao papel de simples coordenadores das reações subjetivas para desconcentração dos pupilos para fora da área dos crimes, interessando-os por situações morais tendentes às virtudes.

Digamos, apenas para exemplificar, que muitos textos dos irmãos mensageiros da espiritualidade primam pelo aconselhamento nos campos da boa vontade, da comiserção, da fé na divina misericórdia, na esperança de superação das condições inferiores da humanidade e assim por diante. Digamos mais, ou seja, que este mesmo desenvolvimento, em sendo lido e comentado numa época neutra em relação aos momentos mais agudos dos fatos sanguinolentos, dentre os quais a guerra é o mais medonho, possa vir a ser útil durante as crises, porque a só recordação da mensagem tem o condão de despertar para os problemas e para as soluções, ainda que delimitadas ao âmbito individual.

Eis como se pode dar o auxílio de caráter espírita propriamente dito, por meio da mediunidade, da paciência e da consideração de quantos cooperarem para a divulgação dos pensamentos mais propícios ao levantamento dos ânimos, porque se configuram realidades menos agressivas e mais consentâneas com a humana aspiração de felicidade.

Como tratar os que não levam em conta a simples ideia de um Criador? Orando o mais ternamente possível, cuidando de não vibrar negativamente, pondo-se no lugar de quem sofreu a desdita do assassínio, com a firme convicção de que, se estiverem sob o amparo de protetores de luz, serão os primeiros a rogar ao Pai pelo perdão e pela redenção do ser que, desde sempre, estará sob a ação da lei de causa e efeito e que, um dia, virá a tornar-se o algoz de si mesmo.

Não é fato que a melhor justiça é a de Deus?

16. A HOMENAGEM DE ONTEM

Por ter sido o dia de ontem, onze de agosto, consagrado aos Cursos Jurídicos, festejamos ao nosso modo, discorrendo sobre tema de interesse da Justiça, encarada como um dos baluartes sociais para o progresso das instituições humanas. Concluímos por ressaltar a maior relevância dos atos perfeitos do Senhor, mas não descartamos jamais o cunho da mais integral importância de ser a nação equilibrada pelo respeito aos direitos dos cidadãos

Mas o nosso objetivo ia um pouco adiante, ou seja, pretendíamos demonstrar o cuidado da gente do etéreo para com os encarnados. Sendo assim, poderíamos ter citado outros ramos do saber e referir como é que os espíritos podem atuar de maneira positiva para auxílio aos homens de boa vontade e também àqueles a quem se costuma chamar de gênios.

Se nos estendêssemos, por exemplo, um pouco mais com relação às curas praticadas por Jesus e se as aproximássemos da possibilidade dos médicos e cientistas do corpo humano residentes nas milhares de colônias em que se estudam os problemas do mundo, para a proposição de soluções compatíveis com o progresso dos povos, poderíamos confrontar-nos com o sério desafio de que somos alvo constantemente, porque bem poderíamos sustar estas manifestações tendentes ao filosófico e ao doutrinário, para irmos em busca do sofrimento e da dor, aplicando os recursos fluídicos, que tão amiúde comparecem mencionados nestes textos, diretamente sobre as afecções dos necessitados.

Não querendo fugir ao assunto nem à responsabilidade, vamos abrir parênteses, para nos referirmos à possibilidade de constarem dois grupos de moléstias, caso as separemos segundo o agente causador, ou seja, a pessoa pode contrair um problema físico ao qual comparecem ou não os micro-organismos. Caso a pessoa tenha sofrido um entorse, tenha perfurado o pulmão, tenha sofrido enfarte coronário ou coisa do gênero, podem os espíritos, segundo a gravidade do acidente, concorrer direta ou indiretamente para a cura, sempre avaliando o que poderíamos traduzir como “mérito” para o recebimento da ajuda. Muito mais vezes do que supõem os encarnados, a moléstia deste tipo está integrada ao carma, ou seja, ao rol das provações e das expiações obrigatórias e livremente aceitas, de sorte que vem para testar quanto ensino moral tenha sido assimilado até então.

Muda completamente de figura quando o tratamento pressupõe o extermínio dos agentes biológicos da doença. Aí, o máximo a que se atrevem os sábios capazes de diagnosticar com exatidão o problema orgânico é propor soluções de caráter intelectual, diretamente junto ao paciente, indiretamente, aos ouvidos dos médicos responsáveis pelo tratamento no âmbito terrestre.

Lembram-se, amigos, do desenvolvimento de ontem, quando aproximamos os criminosos dos que matam os animais por prazer? Pois bem, com horizonte moral muitíssimo mais vasto, os do etéreo sabem que há uma luta entre os elementos imersos na materialidade. Sabem que existem leis de preservação e de destruição. Sabem que a

legítima defesa é sancionada pelas leis divinas em relação aos que se encontram encarnados. Entretanto, perante a própria consciência, o abate de quaisquer seres vivos irá constituir-se em rude tropeço moral, porque, no mínimo, haveria um auxílio parcial, um beneplácito sobrenatural (aqui vale bem a acepção primitiva do termo), um desequilíbrio, na luta em favor de uns, a onerar os outros.

Se a introdução no organismo de germes danosos se der por razões puramente ocasionais, como a falta de certos ingredientes vitamínicos ou nutrientes na alimentação, não há restrição quanto às sugestões universais para a ingestão dos alimentos que irão reequilibrar o tônus vital, com o fito de restabelecer as defesas orgânicas naturais, propiciando ao indivíduo recursos mais poderosos para debelar a infestação dos micro-organismos, restaurando o processo imunológico natural. Citamos este fato com o fim de demonstrar que não nos olvidamos de que as leis de preservação e de destruição estão impressas nos códigos genéticos de todos os seres vivos. No entanto, quando se trata da intervenção dos espíritos no campo energético denso da matéria, restringem-se eles aos valores do etéreo, muitos dos quais em rota de colisão com os interesses dos seres humanos.

Sabemos que muitíssimos outros aspectos devem suscitar as lucubrações inteligentes de quantos doam parte do tempo para as investigações mais sutis da realidade existencial imanente ao universo tangível pelos sensores materiais. Só por isso é que nos atrevemos a manifestar algumas ideias desafiadoras, não inteiramente conformes aos estatutos da lógica humana, para asseverar que nem todas as verdades são passíveis de serem filtradas mediunicamente, motivo pelo qual insistimos em que nossas advertências devem manter este mesmo caráter de chamamento para outras possibilidades de realização existencial, segundo novos prismas, em novos círculos de atuação.

No que toca às virtudes imprescindíveis para o adiantamento evolutivo, nada se acrescenta ao humano desempenho evangelizado. Mas cabe reflexão a respeito de que só alcançarão compreender-nos mais eficazmente os que estimarem que já não estão no rol das pessoas comuns, algo havendo em suas personalidades que faz suspeitar de uma luz mais forte, ao menos para iluminar a passagem de uma vida à outra.

Vejam que a nossa homenagem aos que elegeram o Direito como o campo em que irão desenvolver, nesta existência corpórea, as melhores qualidades humanas, se estende a todos os profissionais, desde os mais simples até os mais sofisticados quanto à área de especialização. Mas, acima de tudo, agradecemos a deferência de leitura inteligente, que não se furte a contribuir com novas ideias e intuições para a melhoria de nossas próprias concepções, porque não temos como ser universalistas pela nossa experiência nos diferentes campos de energia vital.

17. COM A GRAÇA DE DEUS

Depois de várias encarnações proveitosas, todo ser tem o direito de pleitear junto à consciência que se submeta à vontade de Deus, antes de se aplicar aos enganos e falácias de sua própria determinação subjetiva. Isto sucede porque a compreensão se estimula no sentido da percepção de que os erros, as falhas e demais desvios de conduta no caminhar para a perfeição, de um modo ou de outro, se vinculam ao egoísmo e demais defeitos de personalidade.

Deus virá com seu cortejo de seres iluminados trazer mais paz e tranquilidade para o requerente? Talvez venha. Talvez não venha. Ainda haverá de se saber se a solicitação brota de um coração puro o mais possível dentro do quadrante existencial em que se encontra o indivíduo. Assim dizemos porque o mesmo pedido pode ser realizado a qualquer hora, em qualquer lugar, segundo os mais diferentes impulsos da vontade premida por variegadas necessidades.

Um condenado à escuridão mais profunda, certo dia, cansado de bater a cabeça e tendo como resultado a consciência de que a culpa é toda dele, assume a responsabilidade de recuperar-se através da imersão em conhecimentos que nunca chegaram a merecer o mínimo entusiasmo, sufocados que foram pela voluntariedade massacrante dos gozos efêmeros em que o prazer fruía da dor alheia ou da ascendência da força, qualquer que tenha sido o ritmo das vibrações deletérias. Se o sujeito demonstrar que seu desiderato está isento de malícia e que não está pretendendo apenas safar-se de certa situação difícil, para prosseguir praticando os mesmos atos nefandos, provavelmente receberá a visita de algum socorrista com uma lanterna na mão, a ver se o sujeito se conduz coerentemente com a voz que fez ouvir e lhe dará acesso a patamar menos aflitivo, onde deverá desempenhar um tanto de tarefas redentoras, do ponto de vista de sua própria configuração de sacrifício.

Quer dizer que a ascensão é relativa e que não chegará jamais para quem não passe pelo exercício da caridade, em função do atendimento dos reclamos de cada irmão em sofrimento.

Com as bênçãos de Deus assimiladas pelo entendimento de que à criatura cabe honrar, agradecer e, só depois disso, rogar, aí o ser irá desfrutar um pouco mais de tranquilidade, sempre em função do trabalho que deverá realizar em prol da comunidade em que se insere. Um encarnado que apenas prejudique, seja por que processo for, os semelhantes, refugindo da lei do amor, aquela que determina que se ame ao próximo como a si mesmo e a Deus acima de tudo, tenderá a marcar passo indefinidamente neste orbe de expiação, sem nunca tomar consciência de que está sempre sendo auxiliado por forças que é incapaz de perceber.

Às vezes, nasce com um aleijão imperativo para constante apoio de outras pessoas, incapaz de realizar seja o que for sozinho, mas, nem mesmo assim, chega a compreender que está sendo alvo da atenção alheia que, em última análise, é o reflexo da misericórdia divina espargida pelos corações humanos. O simples fato de estar respirando deveria ser suficiente para que suspeitasse de que houve quem o recebesse no ventre e que esperasse

que seu corpo ganhasse contextura para enfrentar a luz do dia. Esse já seria claro indício de que alguém está praticando um ato de benemerência, inda mesmo que seja completamente inconsciente e até com repugnância. O que ficará no mistério dos eventos espirituais haverá de ser a formulação do contrato que agasalhou essa concepção.

Uma pessoa normal, equilibrada segundo os padrões sociais menos contaminados pelas ânsias materiais, porque muita gente que se destaca na sociedade apenas o consegue por força do emprego de recursos que estimulam a admiração mas sem base em valor de superior quilate, havendo até quem enalteça certos criminosos porque agem com algum discernimento no momento de justificar seus atos de vindita social, às vezes bastando ter feições de agrado para cair no gosto do público, sempre pronto a perdoar as mazelas de seus protegidos emocionais, uma pessoa normal, como dizíamos, não pode ceder ao orgulho, à vaidade, ao egoísmo, ao instinto de prepotência, à ação da malícia, ao poder da preguiça, aos defeitos da mentira, da ira, do ódio, do ciúme, da gula, da conversação pouco edificante, aos pensamentos malévolos, às intenções de dolo e má-fé. É preciso ser justo e considerar a natureza como propícia a oferecer todo e qualquer resgate das falhas de caráter, bastando consignar que a vontade de Deus deve sempre prevalecer, ainda que não se saiba direito qual será a próxima decisão a ser tomada, muitas vezes ao influxo de tremendas aflições e profundos sofrimentos.

Jesus diria para ter fé na misericórdia e no amor de Deus. Kardec acrescentaria para que se raciocinasse de modo a concluir que não pode ser diferente disso. E nós solicitaríamos, se nos dessem permissão para dizer algo por nossa conta e risco, que todo ser deve propor-se como instrumento do bem, sufocando todas as ânsias pessoais para a consagração do conforto moral e da ventura do próximo, nada realizando sob o impacto da ideia de possíveis resgates de erros passados, nem que obterá qualquer recompensa de sua atuação no âmbito das virtudes, fazendo o melhor que puder por entender que é isso que se deve ter em conta durante todo o transcurso das existências nas esferas mais evoluídas.

Tudo o que gostaríamos de dizer neste capítulo pode resumir-se na expressão do título, ou seja, que a continuidade da existência deve estar sempre sob o signo da graça de Deus.

18. OS DIAS QUE CORREM

Interessa-nos saber o que se passa entre os homens, porque temos de controlar a intensidade das energias de nossa constituição fluídica para a realização de algo que possa constituir-se em benefício para a humanidade, aqui considerada no sentido restrito de quantas pessoas se deixem assinalar pela boa vontade e pelo descortino das leis naturais ou divinas.

Assim sendo, não nos seria possível ajudar especificamente as pessoas nos dramas que as envolvem, sem que soubéssemos e muito bem tudo quanto fazem e por quê. Claro está que um conceito genérico sempre haverá de ter sua importância, mas o estudo das linhas de atuação segundo o esquema da civilização atual será valioso para que nos apliquemos com segurança à alteração dos enredos em que as vidas humanas se desperdiçam muitas vezes.

Por outro lado, esse estudo consciente e sério poderá apresentar profunda vantagem relativamente aos demais seres no tocante à necessidade que sempre têm os de nossa categoria evolutiva de volvermos à crosta, para resgate de dívidas ou, caso mais raro mas muito mais significativo, o do cumprimento de missões junto a grupos de familiares e até mesmo de congregações mais extensas, havendo quem venha com o destino de gerir certos negócios nacionais e internacionais, quando se torna imprescindível o conhecimento prévio dos cordões que movimentam a alma humana, segundo as estruturas vitais vigentes.

Estamos discorrendo, portanto, no duplo sentido de que o gozo das regalias de feliz consecução das tarefas está nas cogitações de muitos de nós, o que, de certa forma, desdiz da assertiva da mensagem anterior, quando afirmávamos que o desinteresse era para ser cultivado quando se trata de irromper contra os vícios próprios e alheios. É que, explicamos, não estamos ainda em condições de cumprir na prática o que vimos incorporando ao nosso cabedal de conhecimentos. Um dos meios mais propícios para se integrarem essas lucubrações na personalidade é a realização de ações em prol do próximo, em situação de inconsciência dos valores em jogo, como no caso de estarmos a redigir um texto cômicos de que temos de fazê-lo através da aplicação de muitos recursos de caráter fenomênico, esquecidos das consequências que advirão para os autores em outro setor da atividade, que não seja o benefício da experiência para a consagração dos princípios como sendo absolutamente práticos e inerentes a determinada área de apreciação por parte dos leitores.

Eis que nos especializamos e oferecemos os resultados de nosso adiantamento às pessoas no aqui e agora em que se dá o serviço, crentes de que teremos de mudar as perspectivas de abordagem dos temas, segundo padrões e concepções expressivas mais de acordo com os que não param de evoluir e que vão requisitando sempre algo mais adequado às suas personalidades, tendo em vista os problemas com que se defrontam.

Até quando iremos adotando novos e novos sistemas de trabalho? Até que tenhamos completado o roteiro que nos estiver integrando à própria teoria, forma e conteúdo sistematizados, volvendo a um ponto anterior de inteiro domínio de cada um de

nós. É como se estivéssemos na Terra e em nossa vida fôssemos desenvolvendo o senso de compreensão das pessoas até o sacratíssimo momento em que não mais nos depararíamos com novidades, porque os ciclos vitais mais ou menos se assemelham e as gerações vão repetindo os procedimentos, com variantes perfeitamente previsíveis.

Quando estamos falando a respeito de evolução, pomos-nos no pico mais elevado dos conhecimentos que as entidades são capazes de apreender dentro da esfera, o que, acreditamos, seja válido indefinidamente em relação a todos os seres mais adiantados, porque ficar a marcar passo em estágio tão avançado só se houver interesse em sustar a época da passagem para favorecer o crescimento espiritual de um grupo com que nos comunicamos afetivamente e a que, portanto, fazemos questão de nos juntarmos para o instante da suprema felicidade de deixar para trás definitivamente o roteiro que dominamos integralmente.

Alguém poderá propor um problema existencial de pouca possibilidade de comprovação, qual seja, o de que, em havendo total harmonia quanto ao pulsar espiritual de dois ou mais indivíduos, estes poderiam perder a autonomia como criaturas para fundirem-se numa só pessoa, prosseguindo cada vez mais fortalecidos pela inclusão de mais e mais seres que vão chegando ao mesmo nível de adiantamento. Se, no passado mais grosseiro, as impurezas de cada qual davam características próprias a cada ser, a mesma intensidade de luz dos mais perfeitos os atrairiam de forma não a se completarem, propriamente dito, mas de modo a se constituírem num foco energético integrado, como as moléculas de água formam o oceano, mas com uma condição muito mais sutil de entrosamento, como se numa fagulha não estivesse um mas um número impossível de determinar-se de elementos.

Quem sabe os agentes da vontade de Deus se destaquem de um foco único para a sua tarefa ou missão, volvendo posteriormente a se reintegrarem no ambiente da beatitude divina, sem nenhuma novidade cármica para narrar, tão sábios são relativamente às coisas dos seres inferiores?! Eis que respondemos com uma pergunta de caráter exclamativo, porque a ideia surpreende também a nós. Não se diga, pois, que estejamos descompondo os textos kardequianos. Estamos permitindo-nos divagar filosoficamente, sem resguardo da prudência, porque desejamos provocar o interesse dos amigos leitores para temas um pouco mais atrevidos, que é belo possuir e utilizar com certa desenvoltura o que denominam os espíritas de livre-arbítrio.

Se houver quem esteja propenso a este tipo de evocação doutrinária, não temendo ofender-lhe os princípios, porque acredita que poderá voltar atrás caso a realidade não consigne a hipótese, então estaremos tratando com uma pessoa adulta e coerente com as ideias que a lei do progresso fomenta.

Mais além não iremos no dia que corre. Mas que surpresas nos reserva o dia de amanhã?

19. UM DIA APÓS O OUTRO

Nosso subtítulo da obra foi aquinhoado com muitas páginas a mais do que o título propriamente dito, porque nos interessava ressaltar de início a amplitude das tarefas que os espíritos arrebanhados nesta colônia realizam, em função do progresso tornado a principal lei para o ganhar de desenvoltura, no sentido de melhor compreender as dificuldades existenciais que nos inibem a evolução. Por via de consequência, aspirávamos a confidenciar aos irmãos leitores o quanto de sutil existe no pensamento de quem vem desligando-se dos liames carnisais, à proporção que se desfazem os compromissos cármicos com as entidades com quem contraímos débitos e que vão ajustando-se ao nosso nível vibratório, quando não nós aos deles, de sorte que o trabalho vai ganhando uma dimensão filosófica e teórica que prescinde de qualquer atuação socorrista no âmbito dos seres ainda em fase evolutiva inferior.

Quando a vida ensina é o que nos passa a interessar mais de perto, tendo chegado ao limite das informações inteligíveis ou compreensíveis sem grande esforço metafísico.

Aqui é que *a porca* verdadeiramente *torce o rabo*, porque será muito difícil para qualquer mensageiro do etéreo de nossa categoria trazer incentivo original e proveitoso, sem que sejamos acusados de deficitários, tendo em vista a imensa quantidade de mensagens e comunicações, de instruções e de desenvolvimentos teóricos de toda espécie, principalmente no campo do incentivo à prática das virtudes, pela conotação rigorosa com os ensinamentos de Jesus e de Kardec.

Entretanto, para que não nos postemos na incômoda situação de quem muito promete e pouco ou nada cumpre, vamos dizer que, um dia após o outro, os problemas vão pondo-se diante dos amigos encarnados, quase sempre na ordem de novidades, porque é óbvio que, se assim não fosse, não teriam nenhuma dificuldade em definir-lhes a melhor solução.

Para quem realiza semanalmente o estudo de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, no lar ou em alguma agremiação espírita, meio caminho está percorrido, porque as respostas estão, de um modo ou de outro, ali formuladas, no estímulo à contenção dos arroubos dos sentimentos negativos e na pregação da maturidade intelectual, tendo em vista o equilíbrio mental que se deve manter em todos os casos das aflições e dos sofrimentos.

Já percorremos uma parte do caminho relativo ao enfoque dos terríveis acontecimentos sociais e dissemos para que se evite carregar o peso vibratório da população que se revolta contra alguns indivíduos menos felizes. Podemos acrescentar que é preciso que não se percam as oportunidades de se chamar a atenção dos parceiros encarnados para a necessidade de se coadunarem os pensamentos e as ações pelo modelo evangélico, ao custo do sacrifício da opinião contrária, que é muito mais fácil de agasalhar, porque não gera distúrbio algum que possa melindrar as pessoas.

Unindo título e subtítulo, vemos que a vida nos ensina através da luta pelo progresso, ou seja, nada nos cai do céu, nem mesmo estas mensagens psicografadas, pois se exige dos leitores altas lucubrações no sentido de superar preconceitos e de assimilar pontos de vista muitas vezes inusitados ou novidadeiros. Um simples noticiário de jornal

escrito ou teletransmitido pode ocasionar a oportunidade de aumento da pressão dos eflúvios emocionais, de sorte que o exercício de acompanhamento de como o mundo está realizando a sua performance existencial pode vir a ser útil para a estabilização dos conceitos doutrinários, desde que se dê a aplicação imediata dos ensinamentos espíritas a cada situação divulgada. Uma lei é aprovada? Avalie-se sua extensão e oportunidade e como se coaduna com as leis naturais ou divinas, determinando-se o que falta aos homens para completarem o texto que passa a vigorar, ajustando-o aos reclamos das imposições superiores. Alguém levou um tiro e está entre a vida e a morte? Uma oração pode ser um bom lenitivo para os diversos sentimentos que nos envolvem pela simpatia ou antipatia em relação à vítima ou ao agressor, oferecendo ainda a perspectiva de emular os benfeitores pessoais para que compartilhem dos serviços junto às famílias em transe. E assim por diante.

Alguém poderá dizer que viver dessa maneira vai tornar-se quase impossível, que ninguém é carola a tal ponto, que aos espíritas cabe ler Kardec para viver Jesus, enquanto desempenham seus atos de caridade nos centros, auxiliando os desencarnados que comparecem para as sessões mediúnicas. Pode também lembrar-se de que existe o cansaço natural de quem labutou o dia inteiro, havendo participado à noite dos trabalhos doutrinários e que se sentou à frente do aparelho ou abriu o jornal em ato reflexo, para que a mente e o corpo se acomodem ao sistema de refazimento energético que se inicia antes do sono restaurador das forças debilitadas. Haverá até quem diga que automatizar todos os conhecimentos obriga a certos atos meramente condicionados, sem a participação consciente da alma, ou seja, que tudo passa a se realizar como aquela prece recitada sem se prestar atenção nos dizeres, com o fito de se estimular o desligamento da realidade para que o indivíduo caia no sono.

Aceitamos que todos esses argumentos contêm seus elementos de veracidade e de profunda vivência no campo material. Aceitamos até que o nosso ponto parte de princípio alheio à composição corpórea dos encarnados, dando um salto sobre as dificuldades imanentes ao organismo terreno. No entanto, não podemos deixar de demonstrar que a perfeição haverá de passar pela superação de todos os problemas e que, vai dia, vem dia, nos defrontaremos com a necessidade da iniciativa de uma tomada de resolução mais definitiva e universalista, quanto aos preceitos que aceitamos por força da coerência dos raciocínios, mas que hesitamos ainda em pôr em prática, quase com certeza por termos algum medo inconfesso quanto à opinião alheia ou quanto aos mistérios psíquicos de quem não se quer jamais em situação ridícula perante alguma acusação de debilidade formulada no âmago de suas expectativas de realização pessoal.

Em suma, nunca é tarde para começar, mas perder tempo quando se sabe que é preciso propiciar ao próprio espírito condições de superação de todos os defeitos poderá gerar, em época de maiores infortúnios, problemas ainda mais agudos e de mais difícil resolução.

Que surpresas nos estão reservadas para o dia de amanhã?

20. FÉRIAS NO ETÉREO

Muita gente deve estar pensando que estes dias em que trazemos as nossas comunicações são muito aprazíveis e que nossa intensidade magnética deve, se não diminuir, pelo menos adquirir tónus bem mais ameno, porque estamos buscando obter compatibilidade energética de nossa altíssima *voltagem*, por assim dizer, com a dos encarnados, muito mais grosseira ou, no mínimo, envolta por espessa camada de matéria mais densa. Em suma, deve esse povo estar julgando que estamos passando férias, porque suspeitas existem de que os trabalhos que exercemos junto a entidades incorpóreas devem exigir bem mais, uma vez que os espectros espirituais devem ser muito menos propícios ao controle dos benfeitores e socorristas.

É quase isso o que de fato acontece, mas é preciso ressaltar que o nível de responsabilidade é exatamente o mesmo e que tudo o que realizamos, seja em que ambiente for, jamais prescinde de acurado estudo da situação, dos meios e das perspectivas dos resultados. Uma simples exposição como a presente, cujo tema não elege nenhum conceito extraordinariamente dificultoso quanto à compreensão, nos obriga a reflexões depuradas no cadinho das aspirações dos leitores espíritas, ao mesmo tempo que deve entrosar-se rigorosamente ao esquema curricular de nossos mestres e dos orientadores mais elevados da colônia, para quem o desempenho mediúnico deve primar pela mais esmerada prestação de serviços, tendo em vista que ninguém neste nosso setor pode sequer imaginar deturpar um conceito que seja para a emissão de opinião pessoal.

Férias pleitearemos futuramente para nos refazermos dos apuros destas redações, que nos obrigam a contínua atenção para os inúmeros fatores do contato entre os planos. Mas não se acredite que vamos espairar em colônia em que todos os departamentos estejam voltados para o prazer, para o hedonismo, para o gozo. Isto cá só existe nas camadas inferiores, onde os seres se espojam ainda nos mais asquerosos vícios, imaginando que se divertem, quando, na verdade, estão perdendo excelentes oportunidades de crescimento para a purificação, inclusive, da própria felicidade que provariam, caso tivessem desenvolvido a sutileza da percepção de que a alegria mais intensa é a que destaca o bem-estar alheio como princípio da bem-aventurança.

É a “tristeza” que sentimos quando nos deparamos, por exemplo, com seres humanos que se despedem da vida sem terem passado por todas as fases biológicas, para as experiências mais agudas da paternidade ou da maternidade, quando os filhos respondem positivamente às imposições das leis naturais e das leis morais, de acordo com as prescrições evangélicas, absolutamente coordenados pelo prisma das virtudes mais elevadas, mantendo-se equilibrados em suas ânsias materiais.

Mas as nossas férias prescreverão outras atribuições relativas às responsabilidades que não cessam nunca, de modo que, mesmo quando estamos isentos de quaisquer compromissos externos, ainda temos de respeitar os ímpetos de nossos desejos de progresso, momento em que o descanso se configura como ideal se tivermos a liberdade de pesquisar nas bibliotecas e arquivos, instruindo-nos a respeito de todos os pontos que

anteriormente nos foram explicados em aula e que perduraram abertos para a investigação, porque sempre há o que aprender em qualquer ramo do conhecimento.

— Será, vai perguntar aquela gente supracitada, que os amigos possuem tanta eletricidade, tanto magnetismo, tanta vibração de caráter fluídico, tanta sutileza existencial, tanta maleabilidade cósmica, tanto refinamento espiritual, que seu perispírito começa a pesar-lhes como o fardo carnal nos sobrecarrega após um dia de intensa atividade física?

Não está ocorrendo com esta classe especificamente esse problema, muito embora Firmino haja alçado voo para plagas de maior rarefação material, se nos pudermos valer da analogia. Mas levantamos a hipótese porque é muito provável que leitores espíritas cômicos da temática relativa à lei do progresso estejam pondo em dúvida que simples alunos de uma denominada *Escolinha de Evangelização* possam, a um só tempo, agitar tantos assuntos de importância doutrinária transcendental e ficar no lusco-fusco de penumbra intelectual que mais sugere intempestiva incursão ao ambiente mediúnico que lhes dá guarida de um grupo de espíritos mal-intencionados, cujo objetivo, quando pior não seja, venha a consignar um distúrbio mental para a instalação do germe da dúvida, em prejuízo dos ganhos que se obtiveram junto aos textos de Kardec.

Eis que exemplificamos de fato quanto de responsabilidade nos pesa durante a confecção e a transmissão destas mensagens, para que se veja toda a extensão das preocupações que devemos superar, para não termos de lamentar posteriormente o desastre de uma composição mal feita, de uma redação afoita, de uma frase mal direcionada, de um palavreado menos digno. Vocês, meus queridos amigos, já pensaram que férias passaríamos caso descobríssemos que os nossos intentos se desvirtuaram pela insuspeita transmissão de fugidios pensamentos que se revelaram nas entrelinhas, sem que déssemos conta da imperfeição?

Dizem que quem pouco fala, pouco erra. Mas, e quando temos a quota diária de nossa tarefa escolar (para dizer o óbvio), será que tudo vai ficar sob controle, sempre? É assim que ocorre com vocês no dia a dia de sua luta pela vida? Ou existem surpresas que os assustam de repente, pelo inopinado dos acontecimentos? Não será sempre bom estar prevenido para todas as eventualidades? Então, vejam neste texto esse mesmo sentido, porque não queremos sequelas fatais para a tranquilidade de nossa futura temporada de férias.

21. CALA A BOCA, JACARÉ!

Uma das principais dificuldades de aceitação pelos seres humanos da concepção espírita da realidade de além-túmulo é que tudo é demasiado sério, tudo são responsabilidades assumidas e *carmas* de expiação e de provações e, quando se fala no máximo de alegria e de felicidade dos seres da categoria média dos leitores, nas obras mais importantes de caráter eminentemente filosófico, ainda que eivadas de testemunhos particulares de bem-aventurança, se tem a impressão de perda, porque tal tópico se refere sempre ao avanço dos amigos para esferas mais adiantadas ou da nossa própria, deixando para trás entidades queridas ao nosso coração.

Nada de piadinhas, de brincadeiras, de comemorações ou de festividades populares. Quando se fala em gozar, em desfrutar, em obter certas vitórias sobre os vícios, vem a recomendação sisuda da prece, do agradecimento, do trabalho compensatório, para reequilíbrio energético, das forças que se desgastaram na aquisição do bem em pauta e segue o andar com todo o cuidado, segundo a advertência de que o santo é sempre de barro...

Os espíritas mais velhos sabem contornar esse problema, porque viram, durante sua longa experiência, muitos vencendo os problemas de adaptação à vida, superando estágios emocionais muito doloridos, estabilizando os sentimentos e, finalmente, compreendendo que Deus é pai de misericórdia e de infinita justiça. E sorriem enlevados com o poder de persuasão lógica do ideário kardecista, sob as luzes evangélicas de Jesus. Contudo, as pessoas chamadas de normais, aquelas que estão na luta, buscando um lugar ao sol na sociedade, ainda meio verdolengas para a teoria complexa das teses espíritas e das leis naturais, mas com extremos de boa vontade para com as tarefas que lhes são solicitadas, quando chegam à hora da íntima reflexão, olham pela janela e veem o esplendor de luz do dia ou a paz inefável da noite, desconfiando, muito justamente, de que vibrações fluídicas, compostos magnéticos, correntes elétricas de baixa ou de alta frequência, moléculas de pó fotocromático, por mais encantadores sejam para os que se comunicam afirmando que se encontram melhor no etéreo do que estavam quando vivos, jamais irão ter aquela carga de prazer que só os aparelhos sensórios do organismo material produzem na mente dos encarnados.

Se esse aspecto físico já é bastante problemático, que se dirá, então, dos temas morais, daqueles excessos de rigidez quanto ao trabalho em consonância com as premissas do amor incondicional, da amizade universal, do bem ininterrupto sem vistas a descansos e férias, dos isolamentos que buscam o conhecimento “das bibliotecas e dos arquivos” (ver mensagem anterior), da necessidade de percorrer a escuridão dos sofrimentos umbráticos, cheios os socorristas de cuidados para não se deixarem envolver pela obsessão características dos espíritos impuros e infelizes...

As desconfianças são tantas que ficaríamos a relacionar uma a uma por diversas sessões e não encontraríamos jamais um meio de quantificar em porcentagem o quão distantes do final estaríamos. Então, escrevemos um *Cala a boca, Jacaré* absolutamente

misterioso, como a tentar provocar uma reação de surpresa, que ao jacaré o que menos falta é boca.

— Teremos uma sessão de anedotas para a comprovação de que no etéreo ou ao menos na *Escolinha de Evangelização* não é proibido rir a bandeiras despregadas?

A pergunta é cediça. Pelo teor do texto até aqui disposto com o máximo de arrogância magistral, como se fôssemos donos de toda a verdade, o que podemos afiançar é que muitos colegas demonstram inteira confiança em Deus e em seus atributos infinitos de bondade, de misericórdia e de justiça, etc. e tal, passando o tempo todo a cantarolar antigas canções da brejeirice de seus rincões, cada vez mais distantes de um sentimento mórbido de saudade, mas buscando demonstrar a si mesmos que todos os instantes de felicidade que já viveram são resgatados com juro, pela compreensão total do porquê e do como tiveram o condão de despertar para a jovialidade.

O que podemos sugerir é que se armazenem na memória as facécias mais condizentes com o estágio atual de sua bonomia, para que, em época oportuna, possam aplicar junto aos parceiros menos afeitos ao extravasamento das emoções de superior caráter cristão, quais sejam, aquelas em que as historietas se completam sem se colocar personagem alguma, real ou fictícia, em situação de inferioridade, para que ninguém se veja retratado de repente num momento de desprendimento justamente dos aspectos mais tristes, na busca que todos empreendemos de nos sentirmos bem em quaisquer circunstâncias.

Vocês conhecem aquela da alma penada que passava do outro lado do muro do cemitério e que ouviu a conversa dos que repartiam as mangas que haviam caído do lado de dentro? Pois bem, muitas vezes, para exemplificar um modelo de bom gosto de uma brincadeira sadia, os professores fazem representar pequenos esquetes, com diálogos inofensivos mas profundamente significativos quanto ao teor dos pontos da matéria a que visam para aquela unidade de ensino, quando a hilaridade se faz presente no seio da classe, pelos trocadilhos inteligentes, pelas situações embaraçosas em que os defeitos metem os que se autobiografam e assim por diante.

Neste aspecto, é imprescindível chegar a sorrir de si mesmo para que se saiba, sem nenhuma sombra de dúvida, que o problema está preparadinho para ser embalado em saco plástico a ser jogado na lixeira do prédio.

Outra saudade que parece antecipar-se no espírito dos encarnados é a vivacidade das descrições e das narrações, segundo um ponto de vista engajado ao dia a dia das pessoas, porque se suspeita de que todos os dizeres devam ser absolutamente condizentes com os altos desempenhos dos espíritos de luz, de sorte que as comparações devem sempre eleger as figuras mais nobres que se haurem das informações de que nas esferas superiores todo bem é superior e nenhum mal existe, nem mesmo nos titubeios de umas frases mais coloquiais, abolindo-se tudo o que possa lembrar os aspectos mais grosseiros das passadas existências.

Comparando-se estes dois derradeiros parágrafos, qual deles parece refulgir com muito mais vida e com muito mais simpatia? Pois não se esqueçam de que ninguém está impedido de progredir com o vocabulário expressivo que gostam de aplicar na captação das atenções para a impregnação dos ensinamentos elevados extraídos dos conhecimentos depurados pelos estudos de ordem mais elevada. No entanto, os conceitos não podem ser

outros que não aqueles que vimos exortando quando nos referimos às obras da codificação e outras de mesma seriedade e condição evangélica. É como se diz entre os mortais: o hábito não faz o monge.

— *Cala a boca, Jacaré!*

22. PIPILOS E ARRULHOS

Notadamente, não temos a pretensão de mergulhar muito fundo nos problemas humanos de caráter inferior, *deixando aos mortos que enterrem seus mortos*, na expressiva linguagem de Jesus. Mas como iremos demonstrar que a vida ensina, sem fazermos referência a assuntos de cada hora, nesse arrulhar de pombos ou nesse pipilar de pássaros, vozes que se fazem ouvir de seus semelhantes com a entonação apropriada para as comunicações suficientes de suas necessidades específicas?

Não se trata, evidentemente, de descer o nível da mensagem para atender a reclamos menores de quem não desenvolveu todas as forças em suas asas, para voos mais largos, condores a cruzar as cordilheiras, águias a fender o espaço.

Muita gente abandona os grupos que se reúnem em centros menos ricos, onde existe a predominância personalista dos que atuam mais positivamente no sentido de impor as próprias ideias, para pesar de quem gostaria de colocar outros temas à ponderação de todos.

Eis problema que, do ponto de vista de quem paira no alto a observar os movimentos rasteiros por sobre a terra, talvez se torne muito pequenino, conquanto, para os envolvidos, represente algo importante, porque obriga a uma decisão sempre frustrante, haja vista, que a personalidade não se impôs nem ao grupo nem à própria pessoa, a qual, no fundo, sempre desejaria vencer todos os obstáculos e não abandonar a liça no momento mesmo da contenda.

Vamos dizer para que o sujeito volte às reuniões de que se desagradou, para cumprir parte do sofrimento cármico que teria assumido em momento de desprendimento material? De maneira alguma. Cada qual saiba reconhecer o que é melhor para si e para os demais, porque toda essa gente é maior de idade, brasileira e vacinada... O que podemos oferecer como contribuição é que as circunstâncias das dissensões devem ser analisadas percucientemente, para se saber com clareza quais as razões verdadeiras da busca de uma nova situação de vida para aquele horário que se cumpria no centro.

Outro problema inerente aos homens encarnados é o descontentamento quanto ao desempenho seu e dos outros junto aos espíritos que se apresentam para os trabalhos nas reuniões mediúnicas. Muitos tomam consciência da importância de sua participação e frequentam as sessões sem jamais faltar, controlando todas as atividades que adquirem o cunho de extraordinárias, porque as habituais se enquadram em esquema geral que preserva os horários definidos para as tarefas evangélicas. Quando, porém, fatos inesperados começam a interferir nessa programação, logo os mais afoitos se assustam, imaginando que estão sendo alvo de obsessores desejosos de perturbar-lhes a atuação doutrinária.

Pode ocorrer tal fato? Claro que sim, mas com quem, por um ou outro motivo, tiver baixado a guarda, porque as pessoas ativas no auxílio socorrista aos benfeitores do etéreo merecem desta proteção *full time*. Têm os que corretamente suspeitam da obsessão de vigiar mais de perto os pensamentos de toda a hora, porque devem estar deixando extravasar certos sentimentos fundamentados em emoções descontroladas. Qual o melhor

remédio? Rir de sua bronca estupidez, tendo em vista que não pensaram direito a respeito dos reflexos íntimos de certos acontecimentos por demais absorventes, e orar com fervor, requerendo dos amigos da espiritualidade que voltem a protegê-las, afastando os espíritos malévolos, para o que a perfeição seria a condução deles ao centro em que os encarnados assediados comparecem para entendimento pela voz dos médiuns, para que se ajustem as pendências e se superem as crises.

Se os casos parecem corriqueiros e as soluções especialíssimas, paciência! Não vamos simplificar os problemas, sugerindo um caldinho e vitamina C, pois um rombo no dique, como se sabe, tem início num pequenino orifício que qualquer dedinho de criança consegue tapar.

Há muitíssimas outras situações de ligeiros embaraços para a conduta humana de cada hora, mas as soluções pouco hão de variar das que citamos. *Vigiar e orar*: eis a panaceia que se encontra enfatizada na obra de Kardec; o mais é perfumaria.

Mas não vamos abandonar o posto deixando tão curta exposição, que mais daria a ideia de despreparo da turma relativamente ao tópico do dia. É que novos conselhos imergiriam na obrigatoriedade dos estudos sérios da doutrina, onde tudo se encontra em germe, para o plantio oportuno, quando o terreno é convenientemente preparado.

Façam, amigos, uma lista extensa dos livros que ainda não leram, podendo pautar-se pela importância que atribuem aos diferentes autores, prestigiando, evidentemente, os que se tornaram campeões de leituras (nem sempre campeões de vendas), cujos nomes brilham nos anais do Espiritismo, sejam encarnados ou desencarnados, destacando as obras da codificação como essenciais.

Integrem-se em turma dedicada e firme, de mente aberta para o debate de quaisquer assuntos e propensa a levar deveres para casa, para que as discussões se completem em várias reuniões subsequentes. Mas jamais tomem qualquer observação em caráter pessoal, porque, se agora uns navegam a vela e outros se deixam impulsionar por motores a jato, o objetivo será sempre o de nivelar a todos pela grandiosidade dos dispositivos doutrinários superiores.

Vejam que o nosso discurso do dia está prenhe de imagens e de figuras, porque julgamos que assim daríamos maior satisfação e prazer aos leitores. No entanto, caprichamos nas referências aos tópicos dos conhecimentos evangélicos e espíritas, instando para que as deliberações dos amigos se deem nesse mesmo sentido, fazendo tábula rasa das anteriores informações no exato instante da leitura, para, num segundo e imediato momento, integrar o novo ao velho saber, extraíndo, se possível, um denominador comum, obra que nenhum neófito irá ser capaz de realizar, a menos que esteja dotado de experiência inata, como sói acontecer a muitos que ingressam nas fileiras do movimento espírita porque leram e se interessaram filosoficamente por suas teses.

Pipilos e arrulhos é um título que deu motivação inicial ao texto, mas agora poderíamos (novidade absoluta) consignar um pós-título que outro não seria *Sem arrulhos nem pipilos*, para os que gostam de começar a ler do fim para o começo.

Vamos prestar mais atenção ao estado emocional no momento em que nascem os arrufos e os desentendimentos ainda dentro do coração?

23. VONTADES E DESEJOS

Não se coaduna com espíritos verdadeiros o que iremos falar a respeito das pessoas em geral. É que quem veste a camisa do Espiritismo sabe distinguir as reações psicológicas, dando a cada tipo de vontade ou de desejo a conotação especial relativa aos defeitos e às qualidades morais que estão em jogo. Aliás, dificilmente encontraremos dentre os possíveis leitores que descrevemos sutilmente, através do respeito de que impregnamos os textos, algum que possa enquadrar-se segundo as características que devem possuir as pessoas aqui consignadas.

Eis que nos deparamos diante de um dilema assaz sério, porque o nosso medo de ofender talvez venha a nos impedir de relacionar os excessos que possam causar transtornos psíquicos a certas personalidades, a ponto de arremessá-las nas profundezas abissais das regiões de sofrimentos do etéreo, regiões que se reservam para os criminosos de todo tipo. A verdade, porém, é que muitos suspeitam que bastam alguns deslizos, certos desejos pueris, certas vontades egoísticas, para que venham a se sentir relegados pelos espíritos de luz, permanecendo indefinidamente nas zonas de sofrimento do Umbral.

Vamos acreditar, primeiro, em que Deus é pai de misericórdia e que sua justiça se faz independentemente de nosso próprio julgamento. Sabemos, porque assim está divulgado entre os participantes do movimento espírita, que, no etéreo, vale para cada um o seu próprio parecer, desde que emitido com honestidade. Ora, se as pessoas não dominam os padrões médios do proceder evangelizado, tendem a julgar os seus defeitos mais graves ou mais leves do que na realidade são. É aqui que cresce em importância a observação de que existe um tribunal no mundo objetivo para determinar a cada egresso no mundo espiritual toda a extensão dos males que praticou e, conseqüentemente, efetuar a crítica de sua existência, apensando ao processo todo o retrospecto das performances anteriores, o que implicaria na soma dos defeitos que não foram suplantados ou na subtração dos que se venceram através da luta pelo progresso.

Mas existirá de fato esse momento cármico de tremenda tensão? Existirão grupos de espíritos formados em *Direito Constitucional do Universo* encarregados pelo Senhor de efetuar os julgamentos das almas que se desprendem através da morte? Não será bem mais lógico conceber que espíritos mais evoluídos se preocupem com os problemas específicos de sua esfera existencial e não com os desejos e as vontades dos seres inferiores? À vista destas considerações, não deveremos concluir pelo interesse de todos os que se situam em planos mais elevados em esclarecer como enfrentar e vencer os vícios do procedimento incompatível com as leis naturais, ao invés de ficar apontando um dedo feroz e insensato para o coração debilitado de quem sabe que está em débito relativamente ao empenho que não dedicou para o saneamento das deficiências de caráter?

O que estamos tornando mais ou menos claro é que todos têm consciência perfeitamente capaz de avaliar o desempenho da vida toda, não para estabelecer padrão médio de comportamento mais ou menos evangelizado, mas para definir com exatidão quais os erros que cometa e que deixou de praticar, tendo assimilado todo o processo da

aquisição, da extensão, das consequências e da purificação da personalidade, quanto a algum desejo deturpado pelo egoísmo ou alguma vontade cujo atendimento só pudesse fazer-se mediante o prejuízo dos interesses mais sadios de algum semelhante, aquele mesmo próximo que Jesus nos ordenou que amássemos.

Aqui nos deparamos com uma verdade fundamentada na aplicação dos conceitos por generalização e por transferência, porquanto, se, para determinados temas morais, nos valem das diretrizes da “salvação”, por meio do uso do sentimento da caridade, por que não o faríamos igualmente tendo em vista todo o conjunto da moralidade que alcançou nossa alma estabelecer como passível de adiantamento?

— Por que vocês não dizem logo que a consciência só tem o seu valor reconhecido, quando sabe aplicar os conceitos e demais regras do Espiritismo, o que desobriga a comunidade espiritual de qualquer julgamento, pautando seu grau de receptividade do recém-chegado pelo teor das vibrações energéticas em consonância com as próprias, ou seja, com o direito de abraçá-lo em plena comoção de felicidade, propondo-se a agasalhá-lo em seus lares no etéreo, até que se restabeleçam dos tranSES e perturbações que a morte sói causar, oferecendo-se como protetores e benfeitores, tendo em vista a amplitude dos bens que se fizeram em equilíbrio com os males que se evitaram?

Então está dito, virtual opositor nosso, embora tenhamos de acrescentar que mesmo os mais perversos, os que cederam a todas as vontades do egoísmo, do orgulho e da vaidade, e cumpriram todos os desejos da ira, da gula, da preguiça e demais defeitos relacionados entre os pecados capitais e veniais, também possuem aqueles companheiros menos infelizes que se condicionam ao auxílio dos que amam, não descansando jamais até que alcancem realizar a proeza de fazer os amigos ascender até o patamar existencial ocupado por eles.

— Mas essa perspectiva não deixa de oferecer aspectos muito nítidos de forte sofrimento, pelo imperativo de um desejo sadio e de uma vontade tenaz!

Verdadeiramente, mas também não está aqui quem asseverou que todos os espíritos que nos acolhem em seu seio ou que desejariam fazê-lo sejam perfeitos. Navegamos pelas mesmas águas da existência, uns mais, outros menos equipados, mas todos na expectativa de cumprir, em sua área de atuação, os desígnios do Senhor expressos nas leis superiores que nos propugnam a realização de uma obra generosa e pura, para mergulharmos de vez na sabedoria.

Talvez não tenhamos conseguido tornar esta página um estímulo para o crescimento da fé e da esperança baseado no exame de consciência necessário e obrigatório que ficou subjacente a esta pregação; mas o nosso esforço será recompensado se os amigos leitores não se tiverem melindrado e tenham firmado o propósito de ir nesta leitura até o fim.

24. UMA NOVA MANEIRA DE VER A MEDIUNIDADE

Kardec desenvolveu todas as suas ideias a respeito da mediunidade e escreveu um livro a respeito, verdadeiro tratado que porta o título de *O Livro dos Médiuns*, como nenhum espírita desconhece.

De lá para cá, muitos autores, encarnados ou não, se julgaram no dever de acrescentar sobre o tema opiniões particulares ou aspectos que consideraram novos, o que se reflete, inclusive, num modo diferente de denominar os diferentes fenômenos de contato entre as esferas espiritual e material, conforme se acrescentaram novas nuanças de significado ao texto de Kardec.

Não nos cabe comentar a originalidade ou a impregnação de teorias pessoais nas diferentes visões destes teóricos do Espiritismo. Mas não podemos deixar de registrar que, na verdade, existem sempre aspectos inexplorados em quaisquer ramos das atividades humanas, de forma que o aprimoramento das ideias haverá de realizar-se, enquanto os seres não atingirem a perfeição, o que, se sabe, não se dará neste orbe de expiação.

Então, haverá de ser útil um enfoque novo a respeito de qualquer assunto, mui especialmente se se trata de algo inerente ao próprio fenômeno de que nos utilizamos para exercer este nosso direito de informar aos mortais a respeito do que espera por eles após a morte.

Inicialmente, apenas por curiosidade, temos de informar que existe considerável força dentro do movimento espírita que requer que todos os serviços de caráter espiritual cessem, no que tange ao relacionamento com o nosso plano, o chamado *Espiritismo sem espíritos*, para dar ao lema da doutrina sua extensão maior, favorecendo a que verdadeiramente a caridade seja o caminho para a salvação. Mas o que está realmente no fundo dessa tendência é o prognóstico auferido da história da mediunidade prática ou aplicada de que nenhum espírito que o homem possa contatar terá a ascendência moral de Jesus, o que tornaria inútil qualquer mensagem, tendo em vista que as diretrizes e cânones doutrinários estão registrados indelevelmente nos Evangelhos, tendo sido mal-e-mal, na opinião deles, comentados por Kardec. Por outro lado, não sendo nenhum mensageiro espírito de luz e possuindo os humanos um espírito de mesma grandeza que a deles, segundo os próprios ensinamentos das obras kardequianas, toda e qualquer manifestação etérea bem pode ser produzida no mundo, muitas vezes segundo padrões culturais, estéticos e morais adequados de maneira mais perfeita à compreensão do homem de hoje.

Mas essa é tese que seria um contrassenso se a defendêssemos, justamente por via psicográfica. Se o fizéssemos ou se algum espírito já o fez, foi por mera jocosidade ou numa pilhéria para iludir os incautos e pô-los em maus lençóis, caso se vissem a abonar a tese da ausência dos espíritos através destes mesmos.

Não é que terminamos por sugerir que os adeptos dessa tendência talvez o sejam por força de contribuições *metafísicas*?...

Mas vamos ao que nos interessa mais de perto neste desenvolvimento, ou seja, a nova maneira de ver a mediunidade.

Deixamos um espaço em branco como a criar certa expectativa, dando aos refolhos d'alma dos leitores oportunidade para meditem consigo mesmos sobre para onde se encaminharão os pensamentos tão argutos destes mensageiros, que tivemos a coragem de declarar tudo quanto acima se leu a respeito das suspeitas de que nenhum desenvolvimento haverá de ser digno da consideração dos estudiosos espíritas.

Outro espaço em branco para sugerir que talvez seja exatamente esse o prisma da novidade que teríamos anunciado de maneira tão precipitada, porque nada teríamos para acrescentar ao volumoso acervo teórico sobre a matéria em pauta.

Nas esquinas da vida, ainda nos encontraremos para falar a respeito, talvez com a autoridade de quem realizou um trabalho completo e se sente altamente apaniguado por tanta deferência, dado o respeito que todos os leitores nos merecem, certamente porque nos tratam com tanta amizade e consideração.

Mas, não é verdade que qualquer que seja a ideia nova que consignemos irá fomentar um chorrilho de críticas, pela ausência da bibliografia correspondente e das citações obrigatórias? Que poderia haver de novo em simples assertivas provindas de grupo de estudantes de "fictícia" *Escolinha de Evangelização*? Não haveria de ser mais um aguilhão a acicatar os desejos de acusar o nosso médium de inconsciente tradutor de suas anímicas produções, pelo interesse que demonstra, agora na ordem dos raciocínios sob vigilância da inteligência e da emotividade, no campo das orientações inusitadas, o que se demonstraria de maneira cabal através da análise psicológica estruturada a partir do termo "novo"?

Fiquemos nesta alegria da consumação da passagem deste texto pelo canal das vibrações tornadas compatíveis pelo esforço conjunto do encarnado e do grupo que guardou todos os preceitos, para que o trabalho tivesse seu objetivo concretizado.

Mas, falando francamente, cá entre nós, não há algo de novo nesta mensagem, contrariando o antigo dístico de que *nil novi sub solem*³?!...

³ "Não existe nada de novo sob o Sol." Palavras de Salomão, no *Eclesiastes* (I, 10).

25. IMERSOS EM LUZ

Quando a gente está bem e se põe a meditar em tudo de bom que desfrutamos durante os últimos tempos, logo nos vem à lembrança a necessidade de agradecer ao Pai por nos haver dado tais ou quais oportunidades. Do mesmo modo, no cotejo obrigatório com o destino de pessoas menos felizes, dignos seres despojados muitas vezes dos recursos mais imprescindíveis a um mínimo de conforto, oramos para que, na falta deles, pelo menos que se estimulem a acreditar que estejam semeando para o futuro.

Desse confronto de existências, quase sempre nos damos conta de que algo de bom ou de útil tenhamos feito anteriormente, porque a nossa plenitude de felicidade está quase perfeita, colocando, no rol do determinismo imanente à modalidade de vida da Terra, as perdas e danos que sofremos alguma vez. Mesmo quando tivemos de enfrentar o passamento de seres muito queridos, mesmo quando nos deparamos com sentimentos de saudade, conseguimos refrear os impulsos deletérios dos sofrimentos que apenas refletem um tom de acusação íntima contra os processos da divina justiça e mergulhamos num estado de bem-aventurança muito próximo do que nosso intelecto consegue conceber com o que oferecem as esferas de luz aos espíritos muito evoluídos.

Esse afastamento compulsivo de qualquer apontamento de culpa da parte da consciência é o que há de mais importante para se forjar o caráter essencial dos espíritos verdadeiramente cômicos da divina misericórdia e de todas as oportunidades de redenção que nos são propiciadas no decorrer de nossas atividades, onde quer que nos encontremos. Basta que consignemos como um dos eventos espirituais mais importantes em nosso ser a determinação de eliminar todas as falhas, pelo acréscimo proporcional das virtudes em falta.

Eis que a luz, pelo prisma que estamos considerando o ritmo vital em plenitude de felicidade, advém de sentimento racionalizado, que tem por fundamento o domínio mais integral possível de todas as variáveis que possam significar ganho ou prejuízo na área do desempenho moral.

Mas a faceta da prece agradecida é que mais vai pesar na realização desse beneplácito que cada indivíduo pode oferecer a si mesmo, não só porque exprime nível elevadíssimo de confiança nas realizações cármicas como resultante da lei de causa e efeito, mas principalmente porque estimula a abertura de todos os poros espirituais para a impregnação neles das sutis vibrações energéticas que são atraídas por um coração dedicado ao serviço do Senhor.

Vejam, amigos, que não estamos referindo-nos especialmente aos vórtices que caracterizam os diferentes *chacras*, mas a todo o sistema corpóreo que envolve o fulcro espiritual, porque o estado de absorção da luz é muito mais positivo do que simples relacionamentos fluidicos ou magnéticos, assim considerados os meios de que dispõem os benfeitores espirituais situados na esfera subsequente à terrestre, um passo adiante no caminho da evolução.

Eis que podemos ligar a presente dissertação à anterior, para concluir que os humanos dotados de mediunidade e que dela fazem uso para sadio contato com a

espiritualidade devem estar atentos para a percepção dessas ondas de felicidade mais elevada, para o que têm de se preparar convenientemente ou não estarão aptos a traduzir para o humano linguajar essas novas sensações, limitando-se a fazer corresponder a elas algumas exclamações que perdem em significado e expressividade.

Ó meu Deus! Quão doce é este momento em que me extasio perante a sua bondade, Senhor! Que meigos instantes de desprendimento desta densa matéria que me oprime o intelecto e me força a vontade a volver para interesses transitórios os objetivos maiores de minha existencialidade espiritual! Que bom que eu tenha amigos nos páramos quintessenciados de magnitude próxima da perfeição! Muito obrigado, Pai de amor absoluto, criador de todas as coisas, pela oportunidade de me maravilhar diante da eterna bem-aventurança! Faça, Senhor, que me lembre, neste instante sagrado, dos pequeninos sofrendores, daqueles seres que estão envoltos por dramas sem perspectivas de rápida solução, para que atinjam este meu discernimento; pois peço por eles, porque para mim não posso rogar mais nada!

Eis um modesto exemplo de texto resultante de algo parecido com a situação que vínhamos descrevendo como a da mais alta pureza possível para os encarnados. Não se trata de êxtase místico propiciado pelas entidades do mais além, senão o fruto de vida trabalhosa e bem cuidada em todos os aspectos da benemerência sem fronteiras, porque as pessoas têm de vencer o egoísmo e demais defeitos ou não encontrará em si as expressões adequadas, não para a tradução do sentimento superior, mas para a percepção mesma dos eflúvios etéreos de que está sendo apaniguada. Aliás, este mesmo texto poderia ser escrito de mil modos diferentes e todos muito superiores ao nosso. Mas teriam o grau de autenticidade e de honestidade quanto ao teor dos sentimentos que tentamos induzir o médium a retratar?

Não vale dizer que de bem intencionados o inferno está cheio, pois, evidentemente, não é de lá que estamos vindo. Ao contrário, estamos buscando demonstrar alguns pontos essenciais para a aquisição de plano mental ou psíquico bem equilibrado pelos padrões evangélicos, para a formulação dos preceitos básicos que conduzirão os leitores à assimilação do pensamento que nos incita a vir trazer-lhes as nossas preocupações socorristas, todas voltadas para o bem-estar atual e vindouro de cada ser humano, porque, se nos falece ainda o sentido da universalidade da benquerença, estamos altamente empenhados em compreender todo o alcance da lei do amor exaltada na pregação de Jesus.

Gostaríamos de possuir muitos outros ensinamentos para trazer a estas sessões maravilhosas junto ao campo magnético dos encarnados, mas tememos ser meramente repetitivos, o que não seria da conveniência de ninguém. Diz-nos o nosso orientador, nosso queridíssimo Professor Homero, que podemos estender a nossa permanência por quanto tempo considerarmos proveitosas as mensagens, o que nos obrigaria (ele sorri) a estudar com mais afinco. Vamos ter de refletir a respeito, porque as sensações da imersão na luz que descai das regiões mais puras não passam de instantes (ainda que durassem anos) e precisamos, antes de mais nada, ir adquirindo os conhecimentos específicos para um dia estarmos em condições de emitirmos esses mesmos fluxos de amor e reconhecimento a partir de méritos nossos.

Deus nos ajude a todos!

26. A ESTRELA VESPERTINA

Seja este texto não uma despedida mas simples até logo, que o tempo, quando se dá conta dele, já passou. Nós mesmos nos espantamos continuamente com o fato de estarmos a receber amigos e parentes que ontem estavam encarnados e agora nos chegam, muitos deles com aspectos de anciãos, porque o labor de cada hora nos absorve e não percebemos que os fatos vão acrescentando-se uns aos outros, até que os recursos dos códigos biológicos se exaurem.

Neste nosso setor existencial, ocorre exatamente ao contrário, ou seja, o perispírito vai ganhando em perfeição, segundo os lauréis morais que temos a habilidade de conquistar. Um dia, passamos a ferro a vestimenta umbrática e a depositamos aos pés de nosso anjo guardião, que nos acolhe em seu seio de mais luz, para nos conduzir a páramos de maior bem-aventurança.

Diz-nos o nosso mestre Homero que está satisfeito, realmente, com o volume — compreensão e extensão — do conjunto das mensagens, que irão merecer comentários judiciosos dos mentores da *Escolinha* e que também poderão ser agasalhadas com benevolência pelos leitores encarnados. Os críticos mais ferinos, como sói acontecer ao término dos trabalhos, são os próprios autores, que sempre encontram *peninhas* para atrapalhar sua alegria, por estarem ansiosos para realizar algo cada vez mais perfeito.

Um dia, iremos ter de entender, para podermos explicar, a natureza da luz de que nos preenchemos, segundo o texto anterior. Podemos, porém, antecipar que, se para o sedento o que existe de mais importante é a água, também para os que se espojam no lamaçal dos vícios existirá algo que lhes representará uma luz de plena felicidade, que pode ser simples palavra de desafogo da compressão psíquica que o sentimento de culpa causa nos espíritos que perderam o incentivo pelo progresso.

Sendo assim, quando dissemos que a luz superior da eterna beatitude pode ser aquinhoada a qualquer ser, em qualquer circunstância, também estávamos a referir-nos ao fato de que momentos existem de completo despojamento dos elementos perniciosos, os quais podem quedar em estado latente, para um despertar mais sadio, após um voo nas asas do amor divino.

Eis como gostaríamos que os nossos leitores saíssem desta obra, ou seja, sustentados por ideal de superior virtude, como se tudo fosse possível realizar-se sob o amparo dos benfeitores espirituais, porque ninguém mais haverá de recear o futuro, ainda que saiba que a luta prosseguirá em muitíssimos campos de nossa rústica personalidade. Mas bebemos da água lustral dos conhecimentos que as fontes cristalinas do etéreo são capazes de fazer manar e isso há de nos revigorar as forças combalidas pelas perdas inexoráveis de quem está a enfrentar as condições de vida imersas em fundamentos do mais rigoroso determinismo.

É assim que, ao cabo do dia, o planeta Vênus nos aparece como que a prometer a continuidade da vida, sem a irradiação do Sol, mas com o reflexo de sua luz a iluminar a sombra em que a rotação da Terra nos coloca. No dia seguinte, ressurge a aurora, a

demarcar uma nova jornada cheia de promessas de realizações, e cada vez mais, sempre que nos lembrarmos de que Deus é pai de misericórdia, eterno criador e benfeitor de todos os universos.

Indaiatuba, de 20.07 a 26.08.98.